



MONOGRAFIAS

8

Prémio Eduardo da Cunha Serrão . Eduardo da Cunha Serrão Award

DO FÓRUM AUGUSTANO AO PAÇO EPISCOPAL
DE AFONSO DE CASTELO BRANCO – UM ENSAIO
DE ARQUEOLOGIA URBANA EM COIMBRA

FROM THE AUGUSTAN FORUM TO THE EPISCOPAL
PALACE OF AFONSO DE CASTELO BRANCO – AN ESSAY
ON URBAN ARCHAEOLOGY IN COIMBRA

Ricardo Costeira da Silva

MAD

MONOGRAFIAS
8

Prémio Eduardo da Cunha Serrão . Eduardo da Cunha Serrão Award

DO FÓRUM AUGUSTANO AO PAÇO EPISCOPAL DE AFONSO DE CASTELO BRANCO – UM ENSAIO DE ARQUEOLOGIA URBANA EM COIMBRA

FROM THE AUGUSTAN FORUM TO THE EPISCOPAL
PALACE OF AFONSO DE CASTELO BRANCO – AN ESSAY
ON URBAN ARCHAEOLOGY IN COIMBRA

Ricardo Costeira da Silva

Série . Serie

Monografias AAP

Edição . Edition

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção . Direction

José Morais Arnaud

Coordenação . Coordination

Andrea Martins

Tradução para a versão em Inglês . English translation

Armando Lucena

Design gráfico . Graphic design

Flatland Design

Fotografia de capa . Cover photo

***Criptopórtico de Augusto* . *Augustan cryptoportico* © Danilo Pavone**

Impressão . Print

Loures Gráfica

Tiragem . Copies

200 exemplares

ISBN

978-972-9451-78-2

Depósito legal . Legal Deposit

453845/19

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

O texto desta edição é da inteira responsabilidade do autor.

SILVA, Ricardo Costeira da (2019) – Do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (*Monografias AAP*, 8).

- 5 **EDITORIAL**
José Morais Arnaud
- 7 **DO FÓRUM AUGUSTANO AO PAÇO EPISCOPAL DE AFONSO
DE CASTELO BRANCO – UM ENSAIO DE ARQUEOLOGIA URBANA
EM COIMBRA**
- 39 **FIGURAS E TABELAS**
FIGURES AND TABLES
- 53 **FROM THE AUGUSTAN FORUM TO THE EPISCOPAL PALACE OF
AFONSO DE CASTELO BRANCO – AN ESSAY ON URBAN ARCHAEOLOGY
IN COIMBRA**

EDITORIAL

José Morais Arnaud

Presidente da Direcção

O volume que agora se publica é o 8º de uma série de Monografias editadas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP) destinada à divulgação dos colóquios temáticos organizados com alguma regularidade pelas suas Secções e Comissões, e sobretudo de trabalhos académicos de maior envergadura, que foram premiados ou distinguidos pelo júri do Prémio de Arqueologia Eduardo da Cunha Serrão, instituído em 2013, ou que a Direcção da AAP considerou deverem ter uma divulgação para além do meio académico, devido à sua contribuição substancial para o avanço dos conhecimentos no domínio das ciências arqueológicas, históricas e patrimoniais.

Conforme se refere adiante, este trabalho é, na sua essência, uma tese de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra por Ricardo Costeira da Silva em 2016, à qual foi atribuída em 2017 uma Menção Honrosa por parte do júri do Prémio de Arqueologia Eduardo da Cunha Serrão, instituído pela Associação dos Arqueólogos Portugueses. Trata-se, com efeito, de uma contribuição substancial para o conhecimento da ocupação humana e da organização urbanística da antiga cidade romana de *Aeminium*, hoje Coimbra, desde o século I até finais do século XVI. Estamos também perante um trabalho exemplar de Arqueologia Urbana, realizado no contexto de uma remodelação completa do antigo palácio episcopal e actual Museu Nacional Machado de Castro, e ainda de um bem conseguido e convincente ensaio de reconstituição tridimensional dos notáveis edifícios que aí existiram, desde o criptopórtico que vencia o acentuado desnível da encosta em que se viria a implantar o forum de Augusto, até ao elegante paço episcopal, remodelado em finais do século XVI pelo bispo D. Afonso de Castelo Branco, onde residiram todos os bispos de Coimbra até ao advento da República, quando aquele espaço nobre da cidade de Coimbra foi transformado em museu.

Tal como nas monografias anteriores, optou-se por publicar um resumo alargado em língua portuguesa, de cerca de 30 páginas, preparado especialmente para esta edição, bem como a sua tradução para a língua inglesa, apresentando em anexo, em suporte digital, a versão integral da tese de doutoramento que lhe deu origem, solidamente alicerçada num imenso manancial de informação, recolhida ao longo de décadas por notáveis arqueólogos, como Vergílio Corrêa, Nogueira Gonçalves, J. M. Bairrão Oleiro, ou, mais recentemente, Jorge de Alarcão e Pedro Carvalho, mas até agora nunca sistematizada e publicada, a qual passa a constituir uma obra de referência incontornável para o conhecimento da história desta importante cidade.

DO FÓRUM AUGUSTANO AO PAÇO EPISCOPAL DE AFONSO DE CASTELO BRANCO – UM ENSAIO DE ARQUEOLOGIA URBANA EM COIMBRA

Ricardo Costeira da Silva

rcosteiradasilva@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

CEAACP – Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património

Resumo

A dissertação que se publica incide na actividade arqueológica desenvolvida, desde a década de 1930, no Museu Nacional de Machado de Castro, local outrora ocupado pelo fórum de *Aeminium* e paço episcopal de Coimbra.

Do conjunto destas campanhas arqueológicas, particularmente das mais recentes, resultou um manancial informativo singular, assente num extenso repertório de registo estratigráfico (a carecer de revisão) e no volume do espólio recolhido (na generalidade por estudar). Este trabalho surge, assim, em resposta às lacunas de investigação sentidas, sobretudo ao nível da cultura material e da ausência de um estudo de síntese da história do monumento. Um trabalho que, combinando o universo dos dados arqueológicos reunidos ao longo das diversas intervenções, revê e amplia o conhecimento acerca da transformação orgânica deste conjunto patrimonial, desde a instalação do fórum romano de *Aeminium* até ao paço episcopal de finais do século XVI.

A fusão de distintas plataformas de análise, que se convencionou designar como ensaio de arqueologia urbana, permitiu esclarecer questões suscitadas pelo edifício e sustentar as propostas de reconstituição arquitectónicas já apresentadas.

Mais uma vez se conclui que este documento histórico, vivo e vivido ininterruptamente durante os últimos dois milénios e onde o passado se encontra presente através dos seus volumes sobrepostos, apesar de feito, desfeito e refeito ao longo deste arco cronológico, nunca deixou de se acomodar à sua raiz primordial – o criptopórtico de *Aeminium*.

Palavras-Chave: Fórum de *Aeminium*, Antigo Paço Episcopal de Coimbra, Arqueologia urbana, Génese e transformação arquitectónica, Cultura material.

NOTA PRÉVIA

A obra dada à estampa corresponde à tese de doutoramento intitulada “O Museu Nacional de Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco”, apresentada em Março de 2016 na Universidade de Coimbra. A sua edição, a cargo da Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), decorre da atribuição de menção honrosa àquele trabalho, em 2017, no âmbito do Prémio Eduardo Cunha Serrão. Acedemos prontamente ao convite da AAP, que muito nos honra e prestigia, indo, para mais, de encontro ao formato de publicação que se tinha por mais ajustado ao modelo de dissertação realizada. À imagem de edições anteriores, da série Monografias da AAP, o autor é convidado a apresentar um texto síntese bilingue da sua dissertação, tendo oportunidade de apensar, em formato digital, a tese na íntegra, sem alterações, cortes ou outro tipo de adulterações, o que, de outro modo, dificilmente seria exequível nos dias correntes.

A dissertação é constituída por dois volumes. O primeiro decompõe-se em quatro partes onde são apresentados os métodos da investigação, os dados e os resultados obtidos. No segundo volume, de anexos, junta-se toda a informação gráfica e fotográfica, o desenho dos materiais, quadros de síntese e o catálogo estratigráfico das sondagens realizadas na campanha de 2006-2008. Dada a limitação do número de páginas constante das normas de redacção para dissertações integradas no processo de Bolonha, não foi possível, tal como inicialmente se pretendia, juntar algumas das referidas imagens ao corpo de texto, tendo-se optado, ainda assim, por incluir determinados gráficos, tabelas ou quadros recapitulativos que, pela sua importância, auxiliam a leitura.

O breve complemento impresso que se segue é uma “Parte sem Todo”. Pretende introduzir o leitor ao espaço palco da investigação e às temáticas abordadas, saltando, directamente, para os principais resultados obtidos. Omissa desta síntese fica a apresentação do intrincado e complexo conjunto de dados coligidos. Para além de se suprimir a informação relativa aos pacotes estratigráficos, optou-se por apenas se aflorar uma parte matricial do trabalho – a análise do espólio arqueológico. Esta decisão radica na extensão e formato do modelo de texto proposto, sendo desagravada pelo facto do plano de divulgação desenvolvido até ao momento haver privilegiado a publicação das colecções cerâmicas. Deste modo, ao leitor mais interessado, não se dispensa a consulta do anexo digital.

1. INTRODUÇÃO

O Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC) é um dos edifícios históricos mais emblemáticos da cidade de Coimbra, celebrado pela sua ampla e ininterrupta diacronia.

nia de ocupação que se dilata por mais de dois milénios. Instalado no coração da colina genética de Coimbra (**Figura 1, p. 41**), debruçado sobre o Mondego, ergue-se, ainda hoje, sobre o criptopórtico dos fóruns da antiga cidade romana de *Aeminium*.

De acordo com os trabalhos arqueológicos recentemente desenvolvidos, a edificação do primeiro fórum e criptopórtico romano recua ao principado de Augusto, nos inícios do século I da nossa era. O espaço do centro político, social e económico da antiga *Aeminium* terá sido subsequentemente reformulado e significativamente ampliado em meados do séc. I d.C., ao que tudo indica, no tempo do imperador Cláudio. A escolha do local para a instalação do complexo forense, no ponto central do núcleo urbano (em terreno de acentuado declive), implicou a construção de um criptopórtico que operasse como plataforma horizontal de assentamento dos novos edifícios. O criptopórtico, constituído por dois pisos de galerias abobadadas (**Figura 1, p. 41**), resistiu ao desgaste dos tempos e ao estrago dos homens. Pouco restou ao nível do registo estratigráfico e arquitectónico do período que medeia a queda do império romano e o séc. XI. No entanto, é neste local, após a tomada definitiva da cidade aos muçulmanos (já nas últimas décadas do séc. XI), que se inicia o processo que levaria à conformação do sítio como paço episcopal. A residência oficial dos bispos de Coimbra irá aqui permanecer até aos inícios do séc. XX quando, após o advento da República, é oficialmente cedido para a instalação do Museu. Ao longo dos séculos, este digno exemplar de arquitectura palaciana foi sendo sucessivamente remodelado, convertendo-se numa mole compósita que congrega espaços construídos em diferentes épocas, estilos e escalas.

As intervenções arqueológicas neste sítio multiplicam-se desde a década de 1930. Numa primeira fase concentraram-se nos trabalhos de desaterro e conservação do criptopórtico romano. Numa fase mais recente, relacionaram-se com os trabalhos prévios e decursivos do projecto de ampliação e remodelação do museu, concluído em 2009. Do conjunto destas campanhas arqueológicas, sobretudo das derradeiras (2006-2008), resultou um manancial informativo excepcional, composto por um extenso repertório de registo e interpretação estratigráfica (carecendo de conveniente revisão) e pelo volume de espólio recolhido (principalmente cerâmico) que na generalidade se encontrava por estudar. Uma fracção deste material encontra-se descontextualizada. Outra, mais significativa, redonda numa notável colecção a que foi possível atribuir cronologia rigorosa que, salvo raras excepções, se estende do séc. I até finais do séc. XVI. Porém, ressaltando alguns apontamentos marginais, a investigação arqueológica do sítio convergia, quase em exclusivo, no estudo da arquitectura dos edifícios forenses e criptopórtico romano.

A pesquisa que se apresenta surge assim em resposta e reacção às lacunas de investigação apontadas, sentidas sobretudo ao nível da cultura material e da ausência de um estudo de síntese da história do monumento. Um trabalho que, combinando o

universo dos dados arqueológicos reunidos ao longo das diversas intervenções aqui realizadas, retrate, fundamentando, o estado actual do conhecimento acerca da transformação orgânica deste conjunto patrimonial, desde a instalação do fórum romano de *Aeminium* até ao paço episcopal de finais do séc. XVI. O âmbito cronológico do projeto prende-se, essencialmente, com a expressividade e coerência dos níveis estratigráficos analisados que passam a estar praticamente omissos do registo arqueológico após a grande reestruturação do paço promovida pelo bispo D. Afonso de Castelo Branco e finalizada em 1592, em que o espaço construído adquire, em traços largos, a sua configuração actual.

Num panorama geral e actual em que os bens móveis recolhidos em contexto arqueológico passaram a ser entendidos como parte integrante e estruturante do património cultural, deverá ser-lhes dedicada a mesma atenção que à valorização e salvaguarda dispensada a monumentos e sítios. Neste sentido, e sendo o conhecimento da cultura material em questão claramente deficitário no contexto da cidade de Coimbra, tornou-se evidente que a resolução deste problema dependia da ampliação substancial da actual plataforma de informação.

Pela sua expressão (quantitativa e cronológica) e virtualidade, a cerâmica foi considerada neste estudo como o primordial documento arqueológico, impulsionando a recuperação de aspectos relativos à ocupação deste espaço e colmatando, simultaneamente, assinaláveis hiatos no quadro histórico da cidade de Coimbra. Os contextos de proveniência do espólio apresentam-se maioritariamente selados e seguramente datados, testemunhando a ocupação contínua deste espaço na longa diacronia que vai do séc. I ao séc. XVII.

O material analisado é apreciado paralelamente e em função dos contextos de recolha que, por sua vez, sustentam a determinação e interpretação das transformações do espaço construído. Com efeito, e conseqüentemente, pretendeu-se realizar o estudo de síntese da história do monumento combinando, de forma integrada, todos os recursos informativos disponíveis reunidos ao longo das diversas intervenções arqueológicas decorridas neste espaço.

Como forma de responder aos objectivos apontados delineou-se um plano articulado em várias fases, contemplando essencialmente acções referentes ao estudo laboratorial e de gabinete, complementado apenas pelo alargamento da sondagem na área da antiga igreja românica de S. João e do antigo fórum augustano, em 2011. O programa beneficiou de uma etapa inicial que foi além da mera pesquisa bibliográfica e procurou reunir matéria documental diversa (apontamentos, manuscritos, processos administrativos e fotografias) que providenciasse o enquadramento historiográfico das várias intervenções efectuadas no local. Seguiu-se o estudo de todo o mobiliário artefactual exumado no espaço ocupado pelo MNMC, que foi submetido a processos de

inventário, descrição e registo gráfico e fotográfico, sobressaindo, nesse processo, os resultados decorrentes da análise do espólio recolhido nas intervenções mais recentes (2006-2008), em contextos maioritariamente selados e seguramente datados. Por fim, do cruzamento e sobreposição das diversas plataformas de análise, sobretudo da articulação do estudo dos lotes artefactuais com o *corpus* documental e vestigial recuperado surgiu a presente dissertação que procura concorrer, da forma mais completa possível, para a compreensão da vivência, organização e evolução espacial do sítio desde o séc. I até finais do séc. XVI.

2. A HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO MNMC: RESUMO DAS INTERVENÇÕES

2.1. A intervenção da DGEMN

É sob o patrocínio da DGEMN que se concretiza, entre 1930 e 1960, o primeiro grande projecto de remodelação e adaptação do monumento à função museológica. A investigação arqueológica associa-se, nesta fase, a dois vultos da arqueologia portuguesa: Vergílio Correia e João M. Bairrão Oleiro. Conquanto o seu espírito de investigadores se visse acossado pela grandiosa e intrigante construção do criptopórtico, a sua intervenção não se confinou a este espaço, nem tão pouco se demitiram de acompanhar as obras que fervilhavam à superfície. Nas palavras de V. Correia (1946: 43) “cada vez que se profunde o seu solo ou descascam os seus muros” descobrem-se importantes trechos arquitectónicos e vestígios arqueológicos de diferentes épocas. Interessa aqui elencar os principais testemunhos revelados na sequência destes trabalhos.

Assumindo a direcção do museu, em 1929, V. Correia anuncia um renovador e ambicioso programa de intervenção, assente na redefinição do percurso museológico, sob uma lógica expositiva cronológica e um discurso racional. É sob a sua administração que o conjunto edificado sofre maior transformação. Contudo, as obras patenteiam respeito pela “topografia antiga” e cuidado na valorização dos vetustos vestígios arquitectónicos assomados (Correia, 1944: 10; Correia e Gonçalves, 1947: 162). Veja-se a desobstrução da porta medieval da cerca do Paço – vulgo arco moçárabe (Correia, 1944: 7; Correia, 1946: 59), bem como a descoberta do ângulo sudoeste do claustro pré-românico da igreja de S. João, em 1938 (Correia e Gonçalves, 1947: 37 e 160). A partir deste cunhal remonta-se parcialmente, no local original, as duas galerias claustrais, reutilizando-se os elementos arquitectónicos emersos das obras. No corpo nascente desvelam-se os vestígios remanescentes do templo românico (*Ibid*, 1947: 37). Subsiste parte das paredes laterais, fachada ocidental e dos dois pilares colonados – perpetuando o traçado do edifício medieval. No actual pátio principal as escavações revelam, em 1935-36, sepulturas da necrópole medieval de S. João de Almedina (Almeida, 1946: 122). Já a constru-

ção de um pavilhão no sector nordeste implica a destruição da cocheira do palácio e a escavação do “terceiro pátio do edifício”, na área da “praça do claustro almedinense” (Correia, 1944: 11). Por sua vez, no criptopórtico, refreado o ímpeto inicial, é retomada, em 1936, a desobstrução do piso superior nas galerias A e B, sotopostas ao corpo norte do edifício (*Ibid.*: 11).

Após a morte de Vergílio Correia, em 1944, António Nogueira Gonçalves, o novo diretor, dá continuidade ao plano de intervenção da DGEMN, sendo refeitas as fachadas sul e poente (Correia e Gonçalves, 1947: 162).

Todavia, será entre 1955 e 1962 (na administração de Luís Reis Santos), com o acompanhamento de João Manuel Bairrão Oleiro, que se retoma (e praticamente, conclui) a remoção de entulhos do piso superior do criptopórtico, restaurando-se as abóbodas derrubadas. Nesta fase, a obra de maior fôlego corresponde à construção do corpo dos serviços técnicos e administrativos do museu no gaveto nordeste. De igual modo, entre 1965 e 1969, procede-se à uniformização dos flancos norte e poente do antigo pátio interno, com a obliteração dos traços neomanuelinos de finais do séc. XIX. Esta campanha é ainda marcada pela transladação, em 1966, da denominada “Capela do Tesoureiro” (do convento de S. Domingos), comprometendo parte do antigo paço quinhentista e acarretando problemas de circulação e conservação no edifício.

Concluído o ambicioso ciclo de obras da DGEMN (que não deixou um só recanto do museu intocado), em 1965 alcança o seu desígnio com o reconhecimento da classificação de museu nacional.

2.2. Os trabalhos da década de 1990

Seguem-se anos marcados, ao nível da arqueologia, por alguma acalmia, fruída na organização e estudo das colecções e divulgação do criptopórtico (Alarcão, 1971, Oleiro e Alarcão, 1973).

Só em 1989 são retomados os trabalhos arqueológicos no piso inferior do criptopórtico, conduzidos no terreno por António N. F. Tavares, sob a orientação de Jorge de Alarcão. Já em 1959, se havia realizado uma campanha de remoção de terras no topo norte. Contudo, à data, privilegiou-se a intervenção no piso superior, que se pretendia abrir aos visitantes, convertendo-se as galerias do andar inferior, em depósito de elementos patrimoniais artísticos das obras da Cidade Universitária. O objectivo traçado em 1989 era claro – a abertura do piso inferior ao público (Alarcão, 1990: 2). A intervenção realizada fica, porém, comprometida devido à instabilidade da fachada poente do criptopórtico e à exiguidade do espaço, sobrelotado com vestígios das demolições da Alta. Apesar disso, foi possível caracterizar pontualmente a natureza dos aterros, libertar as sete *cellae* centrais dos níveis de pós-abandono, aflorar o nível de circulação original romano e sondar, pela primeira vez, os aterros contemporâneos da construção do edifí-

cio. Todavia, o resultado destes trabalhos permaneceu inédito e os materiais exumados por rever, pouco acrescentando ao conhecimento sobre o sítio. Assim, com o intuito de clarificar aspectos da organização estrutural do criptopórtico, nomeadamente a configuração das fachadas e precisar a cronologia de construção, retomam-se, entre 1992 e 1997, os trabalhos de escavação, sob direcção de Pedro Carvalho e coordenação de Jorge de Alarcão. Este longo ciclo de escavações sistemáticas, teve por base, os princípios de estratigrafia preconizados por Harris (1989), adoptados, de ora em diante, nas intervenções ulteriores.

A área sondada organizou-se em três sectores – A, B e C. No sector A, a norte do antigo pátio interior, pretendia-se recuperar a configuração e limite da fachada setentrional do edifício romano (Carvalho, 1998: 25). Destaca-se aqui, para além dos níveis coetâneos da construção do criptopórtico, a identificação de uma abside da basílica do fórum (*Ibid.*: 26-58). No sector B, nas antigas salas de escultura manuelina, os resultados contribuíram para clarificar o desenho da fachada poente do criptopórtico. Identificou-se a parede e frestas de iluminação e ventilação das duas *cellae* mais ocidentais do piso superior, que se encontram recuadas relativamente às extremidades do criptopórtico (*Ibid.*: 114-116). Para além das estruturas romanas, destaca-se a descoberta de um muro em taipa associado à ocupação inicial do bispado (*Ibid.*: 118, fot. 31) e de um corredor abobadado, de época posterior, que ligava o paço episcopal ao logradouro a oeste (*Ibid.*: 123-124; Cf. Pl. 27, sond. 7 e 9 – est. G). Finalmente, no sector C, no ângulo sudeste do criptopórtico, sob a antiga sala da Renascença, pretendia-se esclarecer a articulação do espaço que medeia a galeria E (piso superior) com a fachada sul do edifício. Aqui, sob os níveis de abandono/destruição do fórum (*Ibid.*: 128-130) identificou-se um patamar com dois lanços de escadas de acesso à esplanada do fórum e a *cloaca maxima*, que corre ao longo da parede exterior da galeria E (*Ibid.*: 131-133).

Decorre destas intervenções uma primeira proposta da planimetria e cronologia de construção do fórum, de meados do séc. I – coetânea de Cláudio (*Ibid.*). Para além disso, documentam-se, pela primeira vez, as escavações de forma científica e apresenta-se um estudo exaustivo de espólio, conquanto circunscrito ao material de época romana, de contextos contemporâneos ou anteriores à construção do complexo forense (*Ibid.*: 21).

A estratégia assumida por Pedro Carvalho foi sendo adaptada às obras de remodelação que decorriam simultaneamente no museu (Carvalho, 1998: 18). Assim, em 1992, quando se procedia à decapagem da fachada sul do paço, foi descoberta uma porta (**Figura 10, p. 50**) atribuída ao primeiro edifício episcopal (provavelmente de finais do séc. XI).

Refira-se ainda que, não obstante os sucessivos melhoramentos construtivos, nos anos 90, as áreas continuavam a ser insuficientes, desarticuladas e as infra-estruturas

desajustadas aos requisitos de um museu moderno. Por esta altura, consolida-se o programa de ampliação do museu, na sua componente estrutural e expositiva. As obras que irão concretizá-lo serão precedidas e acompanhadas por novas e extensas campanhas arqueológicas.

2.3. Os trabalhos de 1998-2011

Providenciando delinear a estratégia de futuras intervenções arqueológicas prévias às grandes obras de requalificação e ampliação do museu, inicia-se, entre 1998 e 2003, uma série de campanhas arqueológicas na zona contígua a poente do edifício, no antigo logradouro do paço episcopal e num gaveto entre a Rua Borges Carneiro e o Beco das Condeixas. Estes trabalhos puseram a descoberto vestígios de época romana, em assinalável estado de conservação, que possibilitaram o ensaio da composição da malha urbana da cidade de *Aeminium* a ocidente do *forum* e da fachada poente do criptopórtico claudiano (Carvalho *et alii*, 2010; Silva, 2011).

Entre 2006 e 2008 decorre o acompanhamento arqueológico da fase de execução do projecto de ampliação e remodelação do MNMC (Silva, 2013a), dirigido por nós, cobrindo área aproximada de 750 m² e cujos resultados contribuíram para o esclarecimento de questões relacionadas com a transformação orgânica do edifício que permaneciam em aberto. Graças aos dados obtidos foi possível elaborar uma inovadora proposta de reconstituição do criptopórtico e *forum* claudiano, assim como apresentar novos vestígios que deixam antever a existência de um primitivo fórum augustano, antes desconhecido (Alarcão *et alii*, 2009). Em 2011, e já enquadrado no projecto doutoral, procede-se ao alargamento da sondagem arqueológica realizada em 2008 na nave central da igreja românica de S. João que, entre outros contributos, reforçou a informação sobre aquele primeiro momento de construção do *forum* de *Aeminium*.

3. CONTEXTOS E ÁREAS DE INTERVENÇÃO

Na tentativa estruturar o extenso e desigual manancial informativo reunido e permitir a contextualização efectiva de todos os dados e artefactos recuperados, tornou-se imprescindível conjugar o fundo documental e descrição estratigráfica resultante destas intervenções, que favorecesse a compreensão da organização e evolução do sítio e edifício do séc. I aos finais do séc. XVI. Refira-se ainda que a área de intervenção arqueológica no âmbito da recente remodelação e ampliação das instalações do MNMC se estendeu a toda a superfície do sítio (Figura 2, p. 42). Esta situação permitiu não só revisitar, mas também intervir directamente em todas as áreas de interesse que compõem o monumento, esclarecendo diversas questões pendentes, relacionadas com o edifício e promovendo, em simultâneo, o estudo de síntese na sua transversalidade

temporal. Logo, a análise global das intervenções, bem como o inventário, descrição e interpretação estratigráfica tiveram como ponto de partida os resultados da campanha de 2006/2008. A partir daí se estabelece o confronto com os dados de trabalhos anteriores, revendo e actualizando os discursos pré-existentes à luz de novas informações.

Por se tratar de um espaço vasto, que condensa diversas realidades e horizontes de acção e com o intuito de facilitar a compreensão e leitura dos diferentes pacotes estratigráficos, optou-se por apresentar os resultados por áreas de intervenção (cf. **Tabela 1, p. 40**). Assim, o espaço estudado divide-se em três grandes sectores – criptopórtico, plataforma superior e quarteirão urbano poente. Por sua vez, estes sectores foram repartidos em áreas específicas (**Figura 2, p. 42**). Desta forma, o criptopórtico estrutura-se nos pisos superior, inferior e ala sul. A plataforma superior corresponde à área das instalações do MNMC que ocupa a superfície do antigo fórum de *Aeminium* (**Figura 1, p. 41**). Aqui a localização da escavação de salvaguarda (2006/2008) foi ditada por factores externos, inerentes à empreitada, segmentando-se, para efeito de análise, este espaço em quatro áreas distintas – poente, central, nordeste e nascente (**Figura 2, p. 42**). A primeira corresponde ao espaço delimitado a poente pela *loggia* quinhentista (sector C – área II). A área central decalca o espaço da primitiva praça e basílica do fórum romano, de meados do séc. I (sector C – área III). A área nordeste situa-se em torno da Capela do Tesoureiro, contornando o altar-mor da actual Igreja de S. João de Almedina (sector D – área I). Por fim, a área nascente inclui os vestígios que restam da antiga igreja românica de S. João de Almedina e respectivo claustro (sector D – área II).

Por último, a expansão das instalações do museu para poente implicou a realização de extensos trabalhos arqueológicos na área do antigo logradouro do paço episcopal (sector B) e num espaço devoluto situado num gaveto, junto à intersecção da Rua Borges Carneiro com o Beco das Condeixeiras (Sector A) (**Figura 2, p. 42**).

4. O ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

O MNMC dispõe de uma vasta e heterogénea coleção de material arqueológico, de diversa proveniência, que se encontrava incompletamente inventariado e nem sempre convenientemente identificado. Tendo em conta que dos primeiros anos de actividade arqueológica no museu não resultaram relatórios e que os principais achados são de acaso, os fragmentos reunidos são peças únicas e fundamentais no esforço de aproximação à história do edifício. Assim, do espólio arqueológico em reserva importava analisar o de incontestável e comprovada proveniência local. O trabalho preliminar realizado é comparável, de certo modo, à “escavação” das reservas e fundo documental do museu. Este processo contemplou a identificação das peças descritas nos vários livros de inventário, catálogos antigos, livros de notas, diários, apontamentos, corres-

pondência e até em etiquetas, verbetes e fotos antigas, a reconstituição do andamento das incorporações e consequente determinação de proveniências, reunião e descrição dos diversos lotes artefactuais.

Se por um lado se reconhece a relevância da informação produzida para o esclarecimento de referências dúbias e para cimentar alguns aspectos da história das colecções e mesmo do edifício, daí não resultou um aumento considerável de peças ou conjuntos inéditos. Na verdade, o núcleo central do espólio arqueológico abordado neste trabalho é procedente das intervenções recentes, de contextos perfeitamente identificados, selados e datados.

Reiterando, dispunha-se de um interessante e numeroso conjunto de bens móveis que comprovava a ocupação continuada do local do séc. I a finais do séc. XVI. Em primeiro plano destaca-se a diversidade da coleção, composta por objectos cerâmicos, escultóricos, elementos arquitectónicos, numismas, artefactos de vidro, metal ou osso, restos osteológicos humanos e faunísticos entre outros, aos quais se concedera desigual atenção em trabalhos anteriores. Torna-se evidente a preferência conferida à análise dos objectos escultóricos e arquitectónicos, de época romana ou medieval (Gonçalves, 2007; Real, 1974; Souza, 1990) face aos restantes. Nestes casos concretos limitámo-nos a corrigir algumas proveniências, actualizar o *corpus* e a ensaiar, ocasionalmente, novas leituras contextuais de conjunto. O défice de investigação dedicada aos restantes grupos (alguns votados mesmo ao esquecimento), a sua quantidade e diversidade, mas sobretudo a abrangência de problemáticas e o domínio específico de algumas áreas de especialização obrigaram ao estabelecimento de diversas colaborações no âmbito de projectos transversais e interdisciplinares¹. Desta forma foi possível analisar este espólio sem comprometer os recursos necessários para o estudo dos vários lotes cerâmicos a que foi dada preferência e prioridade. A cerâmica, pela sua expressão quantitativa, recorrência de achado, bons contextos de recolha e por espelhar um espectro diacrónico dilatado e contínuo, exigia outro tipo de diligência, dando, a priori, garantias de sucesso na aquisição de informação crucial para a leitura de alguns contextos estratigráficos e, consequentemente, da génese e evolução arquitectónica dos diversos espaços construídos. Para além disso, o seu estudo representa um contributo decisivo para colmatar muitas das lacunas ao nível do conhecimento dos respectivos quadros tipológicos de referência, com ecos no contexto supra-local ou regional.

¹ Evidencia-se a colaboração como o Laboratório Hércules em Évora (Mirão *et alii*, 2015), o estudo dos vestígios faunísticos realizado por Cleia Detry e dos restos osteológicos humanos ainda em curso e coordenado por Ana Maria Silva (Universidade de Coimbra). Sublinha-se ainda a cedência do espólio vítreo a Teresa Medici (2014) e do espólio metálico, de osso ou pasta vítrea a Luís Fareira (2014). Já o estudo numismático integrou o catálogo de toda a colecção de numismas à guarda do MNMC, realizado em colaboração com Isabel Pereira, Teófilo Silva e António Pacheco (Pereira *et alii*, no prelo).

4.1. A cerâmica

Como é referido, a cerâmica, pela variedade, abundância e uso generalizado foi considerada, neste ensaio, como o primordial documento arqueológico que permitiria recuperar o percurso relativo à ocupação deste espaço, colmatando, simultaneamente, assinaláveis hiatos no quadro histórico da cidade de Coimbra. Apesar disso, tratava-se, no início do nosso estudo, da categoria material mais deficitariamente conhecida. Apenas o espólio cerâmico romano exumado entre 1992-1997 (Carvalho, 1998) se encontrava convenientemente examinado.

A superação desta situação precária implicava, pois, a ampliação substancial da actual plataforma de conhecimentos, pelo que o programa se concentrou, em grande medida, no estudo do formidável conjunto cerâmico reunido ao longo dos anos, valorizando-se sobretudo o recuperado nas intervenções de salvaguarda (2000/2008).

Posto isto, impunha-se definir um quadro tipológico-funcional, articulando as peças no respectivo contexto arqueológico, processo este cuja descrição se remete para a versão digital do trabalho em conjunto com a caracterização detalhada dos diferentes lotes (pré-romano, romano, medieval e moderno – séc. XV-XVI), reservando-se, neste contexto, espaço apenas para assentar os principais resultados obtidos. Deter-nos-emos apenas nos últimos três, mais representativos, referindo apenas a respeito da cerâmica pré-romana que, sem implicar uma revolução no quadro interpretativo vigente, se revestiu de interesse ao lançar luz sobre um horizonte arqueológico longínquo, fixado entre o III e o II milénio a.C. e dar mais consistência ao espectro da cultura material associada à ocupação sidérica de Coimbra (Almeida, Silva e Vilaça, 2015). Neste caso é de sublinhar ainda a ocorrência de um segmento dentro dos fabricos cerâmicos identificados em que se poderá testemunhar, pela primeira vez, em Coimbra, a ocupação do sítio no período de transição entre a I e II Idades do Ferro (séc. VI-V a. C).

4.1.1. Cerâmica de época romana – dados mais relevantes

A par dos lotes procedentes dos contextos augustano e claudiano (Silva, Fernández e Carvalho, 2018a e 2018b), cabe aqui destacar a presença em Coimbra – e especificamente no MNMC – de materiais com datação tardo-antiga (incluindo com origem no Mediterrâneo oriental). Este segmento em concreto demonstra, desde logo, a existência de uma sequência de ocupação contínua entre a segunda metade do séc. IV e os inícios do séc. VI. Assim, a ausência de informação arqueológica que, até ao momento, se verificava resultaria antes de um défice ao nível da investigação, confirmando-se, de facto, a presença destes produtos aqui (numa cidade que recebeu o bispo de Conimbriga nos finais do séc. VI). Doravante, estes materiais tardios de *Aeminium* vêm mostrar que a presença de cerâmicas finas e de ânforas tardias de produção mediterrânea em Conimbriga não deve ser tomada como um *unicum* na região, mas sim como um falso

histórico, resultante da falta de estudos especializados para este âmbito cronológico. Este primeiro estudo sobre os contextos tardios de *Aeminium* comprova, deste modo, que estas peças circulam para além de Conimbriga e durante toda a antiguidade tardia, inscrevendo esta cidade episcopal nos amplos circuitos comerciais da época.

A par da presença de materiais importados norte-africanos e orientais na região conimbrigense, há que destacar a notoriedade das cerâmicas finas de produção regional, designadas na bibliografia de Conimbriga como cerâmica alaranjada fina (tardo-romana) (Alarcão, 1974: 103), cerâmica do Avelar (*Ibid.*: 109) ou imitação local de sigillata clara D (Delgado *et alii*, 1975: 271). Este e outros estudos recentes (Fernández Fernández e Morais, 2012) parecem assim testemunhar a hegemonia desta produção nos mercados regionais de cerâmica fina (superando a TS Africana e a TS Hispânica Tardia (?)) desde os meados do séc. IV até às décadas iniciais do séc. V. Trata-se de um fenómeno curioso, uma vez que, ao contrário das restantes produções regionais de imitação de sigillatas africanas e hispânicas (como a TS Bracarense Tardia vermelha ou DSP, etc.), a fase de produção das alaranjadas finas sobrepõe-se ao período de maior importação de cerâmica africana para os mercados atlânticos, i.e., entre c. 350 e c. 425/30 (Fernández Fernández, 2014), deixando de se produzir nos inícios do séc. V. Outras imitações, como a TSBT vermelha, continuam e aumentam a sua produção durante o segundo e terceiro quartel do séc. V, coincidindo com o decréscimo das importações africanas. O estudo destes contextos do fórum de *Aeminium* evidencia assim a relevância local deste fabrico (alaranjadas finas), assim como das cerâmicas comuns calcíticas, revestindo-se de grande interesse para compreender as dinâmicas comerciais internas neste território. Por outro lado, estes materiais revelam-se como importantes elementos cronológicos, ajudando a datar com precisão contextos onde não se documentam importações, como os identificados na igreja de S. João.

Em suma, neste momento não restam dúvidas de que, para além dos níveis do séc. IV e do séc. V, no espaço do MNMC também se documentam horizontes mais tardios, datáveis de finais do séc. V – inícios do séc. VI e relacionáveis, por sua vez, com modificações constructivas no espaço do fórum. Disto constitui prova concludente a presença de cerâmicas focenses provenientes dos aterros do criptopórtico e também dos níveis de abandono e colmatação da fonte adossada à fachada principal do fórum de *Aeminium*.

4.1.2. Cerâmica de época medieval: síntese, periodização e evolução

A história da cidade de Coimbra entre os séc. VIII e XI encontra-se intimamente ligada à peleja entre cristãos e muçulmanos pela conquista e domínio desta faixa ocidental da Península Ibérica. Situação que se fica a dever ao facto desta cidade se situar no extremo setentrional do Gharb al-Andalus, em plena linha de fronteira entre aquelas duas forças.

É, para além de uma crónica de avanços e retrocessos, um registo feito de suspensões, mas também de fusões e algum hibridismo. A cidade é tomada pelos muçulmanos em 714/715, reconquistada por cristãos em 878, novamente retomada pelas forças islâmicas em 987 e, finalmente em 1064, recuperada definitivamente para o domínio cristão. Por esta altura o Condado de Coimbra encontra-se integrado no reino de Leão. A realidade de Coimbra durante estes três séculos e meio, de que subsiste esparsa e escassa informação, é complexa e socialmente compósita. Por um lado, sob domínio islâmico, manteve maioritariamente uma população cristã ou moçárabe. Por outro lado, embora a presença islâmica na cidade não tivesse sido contínua como noutras cidades do sul do país, esta foi certamente marcante na construção da sua síntese cultural transposta, em última instância, nas cerâmicas que aqui se apresentam. Face ao exposto, não se deverão dissimular as dificuldades sentidas na atribuição consciente de uma cronologia rigorosa dos lotes em análise a partir do séc. XI (Silva, 2014 e 2015). Relativamente a estes e embora não se haja esgotado a procura de paralelos formais, há a assinalar alguma inconsistência nas escassas analogias morfológicas estabelecidas com o material conhecido de contextos geograficamente mais próximos, com os quais teoricamente haveria maior afinidade fruto, provavelmente, da complexidade sociopolítica e cultural da cidade de Coimbra ao longo do período alto-medieval. Contudo, é possível apresentar algumas linhas de reflexão genéricas, sobretudo, ao nível dos padrões de permanência ou colapso de tendências ao longo deste quadro temporal (séc. IX a XIII).

Em primeiro lugar e transversal a todos os lotes, assinala-se uma tendência contrastante ao nível da representatividade formal no que respeita à proporção de formas abertas e fechadas, potencialmente justificada pelos costumes gastronómicos e hábitos de consumo alimentar. De um modo geral regista-se uma monotonia formal com predomínio dos contentores fechados sobre os recipientes abertos, sendo quase inexistente a louça de mesa. Outro aspecto evidente até aos finais do séc. XI prende-se com o facto de a pintura a branco constituir uma das modalidades decorativas dominantes, juntamente com a aplicação de cordões plásticos, incisões e punções nas asas. Verifica-se, por vezes, a conciliação de duas ou mais destas técnicas numa mesma peça. Salienta-se ainda, nestes contextos (até finais do séc. XI), a presença de formas que reproduzem modelos arcaizantes e a total ausência de peças vidradas e decoradas a verde e manganes, em corda seca parcial e total, e até de simples pinturas a vermelho ou preto, contrariamente a outros contextos próximos (Catarino *et alii*, 2009) Assiste-se, durante este período, à convivência de formas e orientações estéticas de tradição tardo-romana / visigótica com outras de feição nitidamente islamizante (visível essencialmente na adopção de formas e temáticas inovadoras, como alguns tipos de cântaro com superfícies pintadas a branco). Para além disso, se algumas peças se filiam na cultura cristã do Noroeste Peninsular, outras fixam-se nas tradições islâmicas meridionais.

As cerâmicas dos níveis atribuídos ao séc. XII (e de transição para o séc. XIII) revelam alguns indicadores que apontam, não para uma ruptura total com a realidade anterior, mas antes, para o início de uma mudança, em linha com o observado em lotes próximos (Almeida e Temudo, 2015). Verifica-se, antes de mais, um reforço da monotonia formal. Os cântaros, outrora predominantes conjuntamente com as panelas e potes, começam a perder expressividade e, com eles, uma das particularidades que os acompanhava e caracterizava – a pintura a branco. Se antes a pintura era uma manifestação dominante, passa agora a ser residual, mantendo-se estável a percentagem de asas incisas ou golpeadas e a aplicação de cordões plásticos. Ao mesmo tempo assiste-se ao aparecimento de algumas formas e tipos como os alguidares com fundos de base em disco, típicas do mundo setentrional desde o séc. X/XI, e à introdução pontual de algumas importações do mundo meridional como os vidrados. Isto é, não fechando totalmente as portas ao mundo meridional, parece que a partir do séc. XII Coimbra passa definitivamente a gravitar em torno das influências do mundo cristão.

Resta sublinhar que estas conclusões se encontram apenas ancoradas no estudo desta colecção. São linhas de estudo que não poderão ser tomadas como definitivas até se estender a análise a outros lotes coetâneos. De facto, em sítios arqueológicos com dilatada diacronia ocupacional, e numa cidade como Coimbra, situada numa linha de fronteira de lealdades imprecisas, com avanços e retrocessos e onde coexistem populações cristãs ou moçárabes e berberes ou muçulmanas, torna-se penoso definir, através da cultura material, estes contextos. De certa forma, Coimbra alto-medieval é isto mesmo, um centro de confluência destas duas influências onde se assimilam gostos e tendências, e onde o ritmo da evolução da cultura material do quotidiano não acompanha no imediato as mudanças políticas e religiosas, mantendo-se incólume e estável na sua síntese cultural, pouco permeável a alternâncias bruscas, e só paulatinamente adaptando novos gostos e “modas”.

4.1.3. Cerâmica de época moderna: a baixela cerâmica do Paço Episcopal de Coimbra durante os séculos XV e XVI

A colecção estudada deste período ilustra essencialmente a louça de mesa e de cozinha da baixela cerâmica do Paço Episcopal de Coimbra nos séc. XV e XVI. Após uma pesquisa bibliográfica exaustiva conclui-se que grande parte dos tipos registados não se identificam noutros locais de referência. Este dado aponta para que muitas destas variantes morfológicas resultem de uma produção de cariz local ou regional, muito embora só a continuidade dos estudos possa confirmar ou infirmar esta ideia. Do mesmo modo, e apesar do distanciamento geográfico, algumas das formas assinaladas colhem paralelo em contextos portugueses contemporâneos. No entanto, verifica-se um ligeiro desfasamento cronológico com alguns dos principais lotes de referência tais como os

de Aveiro (Alves *et alii*, 1998; Carvalho e Bettencourt, 2013) ou das olarias do Barreiro. Da Ria Aveiro A aguardamos, com expectativa, as novas análises de radiocarbono ditas pelas inconsistências dos primeiros resultados (Carvalho e Bettencourt, 2013: 742-743) que apontam para um naufrágio ocorrido em meados do séc. XV (Alves *et alii*, 1998: 185). O forno intervencionado na Mata da Machada (Barreiro), cujo período de laboração se tem fixado entre a 2ª metade do séc. XV e a 1ª metade da centúria seguinte (1450-1530 -Torres, s/d: 4), tem sido visto como um caso excepcional, sendo mesmo a única realidade arqueológica nacional onde se atesta a produção de faiança em período anterior a meados do séc. XVI. Do ponto de vista cronológico refira-se ainda a harmoniosa sincronia com as datações propostas para Lisboa (Gaspar *et alii*, 2009), onde as produções vidradas e de faiança se encontram, tal como em Coimbra, ausentes até ao terceiro quartel do séc. XVI (Gaspar e Gomes, 2013: 722).

Em termos genéricos é possível observar que as formas identificadas nos níveis do séc. XV (Fases 1 e 2) denotam um certo conservadorismo formal e recurso a um leque restrito de fabricos. Por contraste, na 2ª metade do séc. XVI (Fase 4) assiste-se a uma ruptura definitiva com aquela realidade, surgindo novos conjuntos tipológicos que abrangem uma diversa e inédita panóplia de produções. Esta transição só não é totalmente abrupta devido ao carácter transitório que a 1ª metade do séc. XVI parece assumir na cadeia evolutiva no período em análise. Durante esta fase (Fase 3) conjugam-se os perfis mais arcaicos típicos das Fases 1 e 2, que ainda são predominantes, ao mesmo tempo que se anuncia o advento de novos tipos e fabricos que irão caracterizar a fase subsequente.

Por outro lado, durante o séc. XV e a transição para o séc. XVI, assiste-se ao convívio de formas com larga pervivência, que poderão remontar aos séc. XII-XIII, com outras de características inovadoras. Neste sentido e tal como se verificara no período alto-medieval, regista-se igualmente uma tendência contrastante ao nível da diversidade formal no que respeita à representação de formas abertas (escassas) e fechadas (predominantes), potencialmente justificada pelos costumes gastronómicos e hábitos de consumo alimentar. O livro de cozinha da infanta D. Maria (1538-1577), com termo *ad quem* na passagem do séc. XV para o séc. XVI, mostra, de forma evidente, a permanência de muitas características medievais na culinária portuguesa (Gomes, 1996: 94). Esta imutabilidade do gosto poderá, a nosso ver, justificar alguma da continuidade formal dos recipientes, muitos deles recuando ao período africano almóada (finais do séc. XII – XIII). No entanto, outras circunstâncias poderão justificar a representação desproporcional ou mesmo a ausência de algumas formas. Se tivermos em consideração, por exemplo, o inventário dos bens da Infanta D. Beatriz (mãe de D. Manuel), de 1507, deduzimos que grande parte da utensilagem da cozinha de uma casa abastada seria em metal (Arnaut, 2000: 44-45). O mesmo sucede com o serviço de mesa onde pontuam os objectos de

prata e de “pau” (*Ibid.*, 62-65). De igual modo, quando atentamos no Livro de Cozinha da Infanta D. Maria, verificamos que os objectos de cerâmica se encontram sempre em minoria em relação aos de metal (Gomes, 1996: 104). É certo que a utilização, em quantidade e qualidade de peças, varia consoante o grupo social detentor dos objectos. A cerâmica, como os metais ou vestuário, são indicadores do nível de evolução tecnológica de uma sociedade, mas também da sua capacidade económica. Torna-se assim evidente que, emparelhando com as peças de barro, existiriam elementos de outra natureza, de metal (nobre ou não), vidro, madeira entre outros, sendo por isso inexequível tentar reproduzir essa realidade somente com base nos vestígios arqueológicos.

Em suma, alguns dos padrões constatados até aqui alteram-se drasticamente a partir de meados do séc. XVI (Fase 4). A diversidade e quantidade deste lote é tal que permite documentar, com raras excepções, todo o repertório formal de baixela cerâmica reconhecida para o quotidiano da época. Desaparecem os modelos mais arcaicos e assiste-se à emergência de novos fabricos que terão motivado a aparição de novas formas dominantes. As novas produções serão decisivas na diversificação, principalmente, do serviço de mesa. Destaca-se a introdução das peças de pasta branca vidrada (Silva, 2018) e da faiança (Silva, 2016) que passam a integrar a baixela destinada ao consumo de sólidos e semissólidos, mas também da cerâmica com aguada e das séries finas (brunidas, modeladas e empedradas) na louça associada à ingestão de líquidos (Silva, 2013b). Neste último caso, terá contribuído, a partir do séc. XVI, a difusão entre todas as classes sociais do uso preferencial de “humildes” recipientes em barro para saborear a água (Carvalho, 1921; Vasconcellos, 1921: 12-13).

O largo estendal de louça que caracteriza esta fase final do séc. XVI é revelador de um certo requinte à mesa constatado pela presença de peças cerâmicas de perfil elaborado e de fino recorte até então não observado. A este facto não será indiferente a estadia de D. João III (em 1550) e D. Sebastião (em 1570) na residência episcopal de Coimbra (Pacheco, 2009: 356). O Paço deveria assim ter não só as comodidades exigidas como também dispor de um conjunto de utensilagem e serviço de mesa à altura de tão ilustres hóspedes.

Pela sua datação, é provável que o período de utilização do lote dos níveis adstritos à Fase 4 coincida com a prelatura de D. Manuel de Meneses, antecessor de D. Afonso de Castelo Branco que assume funções em 1585. No entanto, curiosamente, o inventário dos bens móveis daquele bispo, redigido em 1578 (Dias, 2002), logo após a sua morte na refrega de Alcácer-Quibir para onde seguiu como enfermeiro-mor de D. Sebastião, não consta referência à utensilagem cerâmica que certamente deveria existir no Paço. É certo, tal como nos transmite Pedro Dias (2002: 353), que este inventário se afigura pouco rigoroso, não surgindo referidas as alfaias de culto, quadros ou imagens que inevitavelmente pertenceriam à sua capela privativa. Por outro lado, D. Manuel de

Meneses, que se terá feito acompanhar pela sua corte naquela campanha, terá levado consigo tendas de campanha, tapeçarias, mantearia, móveis, baixelas várias, as suas jóias, etc. que, por fruto do resultado catastrófico daquela contenda, não terão voltado (*Ibid.*: 354). No entanto, não cremos que este e o seu séquito se tenham feito acompanhar da baixela cerâmica existente no Paço. Ainda neste particular, refira-se que naquele inventário constam vários equipamentos (tachos, bacias, funis, caldeirões) de cobre e latão (*Ibid.*: 377). A única referência a louça é feita para mencionar a presença de porcelanas – “hua porcelana muito grande” (*Ibid.*: 377). Causa alguma perplexidade a total omissão da utensilagem cerâmica onde figuram, inclusivamente, outras peças importadas e de cerâmica dita fina. Porém, não deixa de ser uma situação constatada noutros documentos similares, como o inventário dos bens de D. Beatriz (Arnaut, 2000: 44-45 e 62-65) e que demonstra que, numa casa abastada, embora imprescindível, a cerâmica teria um valor reduzido ou seria facilmente substituível. Este aspecto destoa, nitidamente, da atenção que lhe dedicámos e da relevância que poderá assumir nos dias de hoje.

O carácter excepcional deste espólio e a sua singularidade contextual no quadro histórico da cidade de Coimbra, marcado por assinaláveis hiatos que este repertório permite colmatar, converto-o num conjunto de referência local e regional. Neste sentido, espera-se que este ensaio contribua para aprofundar o conhecimento da cultura material, em especial da baixela de cerâmica comum, dos séc. XV e XVI das comunidades da região de Coimbra, que contrastava com outras áreas mais amplamente estudadas.

5. GÉNESE E EVOLUÇÃO ARQUITECTÓNICA: DO FÓRUM DE AUGUSTO AO PAÇO EPISCOPAL DE AFONSO DE CASTELO BRANCO (CONFIGURAÇÃO E RECONSTITUIÇÃO DE ALGUNS ESPAÇOS)

5.1. Época romana

5.1.1. Fórum e criptopórtico de Augusto

Aeminium terá sido elevada a *civitas* logo pelo imperador Augusto (27 a.C. – 14 d.C.) que, tendo estabelecido os limites da província da Lusitânia e instalado em Mérida a capital, reorganizou esta última do ponto de vista político e administrativo. Esta situação fazia prever que tivesse sido construído, à data, um complexo forense para a nova capital de *civitas*. Contudo, as escavações realizadas por Pedro Carvalho na década de 1990 (Carvalho, 1998) apontavam, inequivocamente, para a edificação do criptopórtico e fórum de *Aeminium* somente a partir de meados do séc. I d.C., provavelmente ao tempo do imperador Cláudio. Os resultados da intervenção realizada no interior da igreja românica de S. João (sector D-II) vieram, em grande medida, esclarecer esta questão. De facto, a leitura estratigráfica deste local é clara e permite reconhecer a existên-

cia de duas fases distintas de construção: uma de inícios e outra de meados do séc. I d.C. Neste segundo nível surgiram bases e fustes de destroçadas colunas romanas, a uma cota inferior à do piso do fórum claudiano, que se associam a um edifício público anterior (fórum?), demolido (pelo menos parcialmente) quando se edificou aquele fórum. Feita esta observação, foi também possível reconsiderar a cronologia da galeria F (a mais oriental) do piso superior do criptopórtico, cujas frestas de iluminação e ventilação localizadas no muro oriental (**Figura 4, p. 44**) teriam sido entaipadas pela reformulação claudiana. As dissonâncias construtivas desta galeria, designadamente a largura superior e a abóbada ligeiramente abatida, já nos haviam sugerido a correspondência a um edifício pré-existente. Facilmente se diferencia, ainda, o aparelho em *opus quadratum* do edifício claudiano dos alçados em pedra miúda que compõem a galeria F (**Figura 7, p. 47**). Outro pormenor reside na utilização do arenito nas passagens que se abrem nesta galeria e no canto SE do criptopórtico. Este tipo de pedra não foi empregue na obra claudiana, pelo que também o material contrutivo nos poderá auxiliar na interpretação do monumento e na destriça das suas duas fases noutros locais onde foram identificadas. De igual modo, estiveram sempre visíveis, nomeadamente no canto SE do piso superior, detalhes que evidenciavam a presença de dois interfaces de construção distintos e que se sobrepõem, muito embora só a partir da análise da intervenção realizada na Igreja de S. João se tenha conseguido consolidar, do ponto de vista cronológico, este faseamento.

Pelo exposto, parece crível que, do lado oriental, houvesse um criptopórtico primitivo (constituído, grosso modo, pela galeria F) que a obra claudiana não destruiu, mas integrou (**Figura 7, p. 47**). Este tinha acesso directo, a partir da rua, por uma entrada situada a sul. As cinco passagens abobadadas existentes no muro ocidental dariam, provavelmente, acesso a um passeio exterior (em terraço – **Figura 3, p. 43**). No muro do lado oposto abriam-se nove frestas ligeiramente acima do nível da praça pública do complexo forense. Do primeiro fórum, temos indícios, todavia insuficientes para propor uma reconstituição completa e inteiramente fiável. Para além, como vimos, da suspeita de ter sido construído, do lado poente, sobre um primeiro criptopórtico que poderia dar assento à colonata de um pórtico² (**Figura 3, p. 43**), pouco mais sabemos.

Em primeiro lugar, não se dispõe de elementos seguros para determinar as dimensões da praça. As dimensões hipotéticas (**Figura 3, p. 43 e Figura 9, p. 49**) baseiam-se na topografia natural do terreno e no posicionamento do *cardus*, que dificilmente teriam consentido maior largura ao monumento. As frestas do lado oriental desenharam,

² Sugerido a partir da análise de uma das bases de coluna referidas com entalhes laterais para aplicação de uma cancela. I. e. pertenceriam a um pórtico que, situado a considerável altura sobre o terreno envolvente, necessitaria daquela protecção (**Figura 3, p. 43**).

em plano geométrico, trapézios isósceles, mas a primeira do lado sul e a última do lado norte correspondem a trapézios rectângulos. A diferença poderá explicar-se pela existência de muros que hipoteticamente se representa na **figura 3 (p. 43)** e que nos levam a admitir a possibilidade de existência de edifícios tanto na franja norte como na faixa sul (basílica e *tabernae* ?), mas dos quais não encontramos vestígios. Até agora, apenas a intervenção localizada na Igreja de S. João pôs a descoberto o que deverá ser entendido como o nível de preparação para assentamento do pavimento da praça do primitivo *forum* augustano, onde se identificaram dois negativos circulares (alinhados a cerca de 2m) e um quadrangular de difícil interpretação, que se poderão relacionar com a disposição de elementos arquitectónicos (colunas) ou escultóricos (base de estátua).

Por último, refira-se que esta reinterpretação do faseamento construtivo do fórum acaba por justificar o facto do esgoto público atravessar o monumento (ala sul do criptopórtico). Efectivamente, observa-se uma diferença da morfologia da cloaca *maxima* que deverá testemunhar dois momentos distintos de construção. O alinhamento da cloaca abobadada augustana terá sido adoptado e retomado na época de Cláudio, construindo-se novo e robusto esgoto (**Figura 9, p. 49**) que se prolonga sob toda a área intervencionada, mesmo do quarteirão contíguo a poente, e que se consubstancia num processo de reforma urbanística mais amplo, associado à reestruturação do traçado do *decumanus* da cidade.

5.1.2. Fórum e criptopórtico claudiano

No tempo de Cláudio, ergue-se na mesma área um novo fórum que, pelos dados reunidos, parece ter integrado o espaço do antigo, reformulando-o. As colunas destroçadas identificadas nas sondagens realizadas na igreja de S. João sugerem que o fórum augustano terá sido destruído. O seu criptopórtico foi integrado num outro muito mais vasto e complexo, consistente com o que se conserva actualmente. As frestas do lado oriental do criptopórtico augustano foram encerradas e o espaço da sua praça pública foi alteado. Desconhece-se que configuração terá tomado esta área do fórum claudiano que se sobrepõe ao espaço da anterior praça pública augustana. Do lado norte (área nordeste) as escavações recuperaram dois pequenos compartimentos sobre o quadrado, pavimentados de *opus signinum*, que poderão corresponder ao pavimento de duas pequenas *tabernae*. Os dados disponíveis são escassos para esboçar qualquer desenho. Por agora, imaginamos que este terreiro estivesse ocupado, a norte e a sul, por *tabernae*, precedidas por pórtico.

Recapitulando, este acréscimo, de meados do séc. I, estrutura-se sobre área a poente do fórum primitivo, em terreno de acentuado declive. Esta situação implicou, de igual modo, a ampliação do criptopórtico, que no ponto mais baixo da encosta conta com dois andares de galerias, para que sobre esta plataforma artificial assentassem os

edifícios do novo complexo forense. Este criptopórtico manteve-se praticamente íntegro, salvo a fachada poente que se desmoronou e alguns lanços de abóbadas restauradas pela DGEMN. Poucas alterações se acrescentam ao traçado proposto nas primeiras publicações que se debruçam sobre o monumento (Oleiro, 1955-56; Oleiro e Alarcão, 1973). As novidades resultam do esclarecimento de pormenores que permaneceram ocultos até às mais recentes escavações. Com efeito, no piso inferior do criptopórtico (**Figura 4, p. 44**) esclareceu-se de que modo se articulava a circulação entre a comprida galeria abobadada com eixo norte-sul (que conduzia a sete celas) e os patamares situados nos seus extremos. Após um primeiro tramo de pavimento plano, o piso descia em rampa até à cota do pavimento das celas. Por sua vez, o desmonte das casas anexas ao criptopórtico permitiu igualmente sondar como se articulariam as abóbadas da galeria longitudinal com as abóbadas das celas, cujos eixos são perpendiculares àquela. Admite-se que a abóbada da galeria de sentido sul-norte tivesse o seu fecho a nível imediatamente inferior ao do arranque das abóbadas das celas como se houvesse ligeira “penetração” da primeira nas segundas (**Figura 6, p. 46**).

No piso superior (**Figura 4, p. 44**), a integração da galeria oriental (augustana) na nova construção exigiu, por parte do arquitecto, maior engenho. Verifica-se a utilização singular de tijolo nos ângulos da abóbada da galeria interior C, no sítio onde as duas construções se acoplam. Afora os ângulos, a obra é de alvenaria, com abundância de argamassa de cal. São por demais evidentes os exemplos que demonstram o cuidado por detrás desta construção apesar da irregularidade e variabilidade de soluções no aparelho de alguns muros e abóbadas. Refira-se, a título de exemplo, a presença nas abóbadas de “marcadores” em pedra que construídos, primeiro, serviriam de reforço e simultaneamente de orientação para a construção dos troços intermédios. Outro caso refere-se às abóbadas das celas do piso superior onde se observam do lado das frestas e nos seus arranques grandes aduelas de calcário que garantiriam maior solidez, não obstante o restante corpo ser em *opus caementicium*. Pouco há a acrescentar ao traçado que tem vindo a ser apresentado nas anteriores publicações. Neste particular, refira-se o esclarecimento de algumas interrogações que ainda pairavam sobre a zona poente. Desta feita, na galeria baixa (G), localizada em frente das sete celas que unem os dois braços do piso superior, não se circularia. Esta sustentaria a varanda rebaixada e o pórtico ocidental do fórum.

Na ala sul do criptopórtico, as novas escavações puseram a descoberto robustos muros perpendiculares à fachada do edifício que formam uma espécie de quatro “compartimentos” (**Figura 7, p. 47**) sem comunicação entre si, com o piso superior ou com o exterior, que foram aterrados aquando da sua construção e cumpririam apenas uma função estrutural (contrafortes internos).

À excepção dos vestígios da varanda corrida na fachada poente, nenhum outro ves-

tígio pertencente a esta praça pública sobreviveu ao desgaste de quase dois milénios. Contudo, a manutenção integral do criptopórtico e de outros vestígios fundacionais, nomeadamente dos alicerces da basílica, permitiram reconstituir, com razoável fiabilidade, a planta desta parte do fórum (**Figura 5, p. 45**). O novo fórum estrutura-se em função de uma basílica com abside axial, no lado norte, onde, nas dependências anexas teriam lugar os actos oficiais – administrativos e jurídicos – mais importantes. No lado sul, a função dos espaços conhecidos é incerta. Entre os dois corpos, situava-se a praça pública porticada abrindo sobre a paisagem, com o Mondego ao fundo.

Como se alude, eram escassos os elementos arquitectónicos de que dispúnhamos para reconstituir os alçados do fórum de meados do séc. I. Ainda assim, tendo em conta a espessura das fundações³, da qual podemos deduzir proporções baseando-nos nas relações simples de quartos e metades, e a presença de fragmentos de capitéis iónicos com dois módulos diferentes (um mais pequeno que outro) apresentou-se uma primeira hipótese reconstitutiva (Alarcão *et alii*, 2009) baseada na existência de um pórtico de dois andares, que rodeava a praça por três lados (**Figura 6, p. 46**). Este esforço inicial deverá agora ser confrontado e complementado com a informação veiculada da análise dos novos fragmentos arquitectónicos que, entretanto, se identificaram como provenientes da área do antigo fórum. Esta será uma das prioridades do programa ulterior de estudo a realizar. No entanto, a análise preliminar daquele espólio (já iniciada sob a coordenação de Pierre André) indica que não haverá grandes alterações a propor, ao nível estrutural e estilístico, ao plano já anteriormente apresentado. Esta observação valida a proposta apresentada e autoriza-nos a referenciá-la, dispensando-nos, todavia, de a reproduzir por já se encontrar devidamente publicada. Importa talvez sublinhar que o posicionamento da basílica a norte e de uma grande sala a sul (**Figura 5, p. 45**) é confirmado pelo posicionamento dos alicerces postos a descoberto nas diversas intervenções arqueológicas realizadas. Aliás, a campanha mais recente (na área central) permitiu posicionar o arranque dos pórticos da basílica. A escavação integral da área poente pôs a descoberto o pórtico do lado ocidental da praça, cujo piso se apresenta rebaixado cerca de 1,20m em relação à praça do fórum (**Figura 6, p. 46**). Se as reconstituições das fachadas exteriores sul, norte e oriental apresentadas naquele trabalho (*Ibid.*: 47, fig. 22; 48, fig. 23; 88, fig. 65) são meramente conjecturais, a base do desenho do alçado exterior poente do edifício assenta em evidências estruturais que se conservam parcialmente. Esta monumental fachada poente erguer-se-ia (tal como se reconstitui) a cerca de 29 m do solo, sendo coroada por dois pisos vazados por arcada corrida de onze arcos (**Figura 6, p. 46**). Pese embora o peso substantivo das intervenções poste-

³ A espessura dos muros do criptopórtico é de 1,62m, medida que foi utilizada como módulo divisível e operativo.

riores, não deixa de ser curioso verificar como, no geral, o traçado da *loggia* quinhentista se pautou pelo partido geral assumido na primeira operação de racionalização arquitectónica daquele espaço. Decerto por mera coincidência, pois nada indicia que tenha sido feito no âmbito de uma consciência de retorno ao clássico que teria sido tão cara ao espírito da época.

5.1.3. Trama urbana a poente do complexo forense

As campanhas arqueológicas realizadas no quarteirão poente contíguo ao fórum de *Aeminium* permitiram projectar a imagem da fachada mais monumental daquele complexo e inferir o modo como a composição da malha urbana se encontraria aqui cerzida. Como tem sido exposto, a renovação urbanística do quarteirão poente terá sido motivada pela ampliação do fórum em meados do séc. I d.C., fazendo-se sentir sobretudo na planificação de um dos principais eixos viários da cidade – o *decumanus maximus*.

Tal como fica demonstrado, no dealbar do séc. I d.C. o espaço delimitado pelo gaveto do Beco das Condeixeiras (Sector A) encontrava-se provavelmente reservado a uma área de serviços que ladeava o *decumanus maximus*, onde despontam as estruturas de uma e-provável *fullonica* (**Figura 8, p. 48 e Figura 9, p. 49**). Os documentos arqueológicos remanescentes deste tipo de espaços fabris de época romana são complexos e difíceis de analisar. São escassas as notícias da presença destes estabelecimentos no território da antiga Hispânia, provavelmente por não se encontrarem correctamente identificados. Tal como é exposto, embora digna de ponderação, a proposta anunciada é incerta. Porém, entre o possível e a suspeita parece-nos verosímil.

Independentemente da sua funcionalidade, este edifício construído no período augustano terá funcionado apenas algumas décadas até ser desmantelado em meados do séc. I d.C., perante as exigências decorrentes do projecto de renovação urbana da cidade. Como consequência, este terá implicado, nesta zona particular da cidade, a destruição de um conjunto edificado para aí fazer passar um dos principais eixos viários da cidade. A sequência estratigráfica associada a este momento parece não deixar margem para grandes dúvidas: o principal sistema de saneamento e o edifício de fachada porticada que ladeava neste troço o *decumanus* (**Figura 8, p. 48**) terão sido executados em simultâneo, fruto de um mesmo plano urbanístico para a cidade no qual se integrará também o fórum. Aliás, terá sido o redimensionamento do complexo forense durante o principado de Cláudio o móbil para tão profundas transformações. A sua ampliação para poente determinou a reorientação do *decumanus maximus* (**Figura 9, p. 49**). Este passa a estar, neste tramo, alinhado pelo eixo do novo fórum, contornando-o depois pelo seu lado sul. Transforma-se assim, de forma assumida, numa linha quebrada.

Junto à fachada poente do fórum abrir-se-ia uma praça, desenhada defronte ao

fontanário público que encontramos adossado à base daquela frontaria⁴ (Figura 8, p. 48). A rua larga (C. 6,5 m), ladeada por uma cintura porticada, assim como o espaço aberto da praça, acabariam por libertar e projectar ainda mais a fachada poente do fórum, reforçando a sua monumentalidade.

Neste lado da cidade, o *decumanus* cobria a *cloaca máxima* e seguia-lhe o rumo em direcção ao rio Mondego. Encosta abaixo, a espaços, este colector principal receberia contributos de outras cloacas, cujo percurso, por sua vez, poderá denunciar o traçado das ruas transversais ao *decumanus*. Ao medir-se a distância entre estes ramais, verifica-se um valor em torno dos 31.70 m, i.e., cerca de metade do comprimento do fórum (= 62 m). Com efeito, este valor poderia constituir o tamanho padrão das *insulae*, ritmando o dimensionamento da cidade romana e a concepção de outros grandes edifícios públicos. O traçado urbano conseguido, todavia, estaria longe de ser regular, face à condicionante incontornável que constituiria a base topográfica de *Aeminium*, marcada essencialmente por fortes declives.

Aguarda-se com expectativa a possibilidade de intervenção na quadra sul da actual Rua Borges Carneiro composta por edifícios quase em ruína e que se degradam a ritmo acelerado. Só assim se poderão novamente combinar estes fragmentos de memória e apurar de novo a imagem ou configuração de todo este espaço durante época romana.

5.2. Épocas medieval e moderna

5.2.1. Do abandono do complexo forense à fundação do Paço Episcopal

Do período que medeia o abandono do complexo forense e a fundação do paço episcopal, pouco restou ao nível do registo arquitectónico, arqueológico e mesmo historiográfico. Neste sentido, sobressai o conjunto de materiais com datação tardo-antiga só agora dados a conhecer. Desde logo, porque demonstram a presença de uma sequência de ocupação contínua do local em período tardio (entre a segunda metade do séc. IV e os inícios do séc. VI) revelando-se, pela primeira vez, o tempo que marcou a desactivação do fórum e que acompanhou a sua ruína. A presença de cerâmicas focenses nos aterros do criptopórtico e níveis de abandono e colmatação do fontanário romano documentam, inequivocamente, horizontes mais tardios ancorados entre os finais do séc. V – inícios do séc. VI e relacionáveis, por sua vez, com modificações constructivas no espaço do fórum de *Aeminium*.

Neste capítulo, importa igualmente referir a identificação de níveis tardo-antigos nas sondagens no interior da igreja de S. João. Estes encontram-se associados à constru-

⁴ Na *Hispania* a existência de fontanários e ninfeus em *fora* (adossados por vezes às fachadas) encontra-se atestada, nomeadamente, em *Baelo* (Ponsich, 1974: 21-39) e *Valeria* (Fuentes Domínguez, 1987: 70) – cidades igualmente com reformas claudianas.

ção de um murete em pedra seca, posterior aos inícios do séc. V e anterior ao séc. XII, com composição e orientação discordante dos vestígios conhecidos do templo pré-românico do séc. XI. Tem sido sucessivamente colocada de parte a hipótese avançada por Pierre David (1947: 229) que admite a existência inicial, neste espaço, de um edifício paleocristão, o qual desempenharia a função de baptistério ao serviço da catedral primitiva de Santa Maria (a Sé Velha), evoluindo depois para templo. Até ao momento, também não foram identificadas as pedras de lavor visigótico surgidas, no início do séc. XX, durante as obras de remodelação do MNMC, insistentemente mencionadas por Vergílio Correia (1946: 51-53). Todavia, os dados agora compilados são novos e inequívocos, revelando a ocupação deste espaço no período tardo-antigo, trazendo a lume e problematizando, de novo, todas estas questões que subsistirão em aberto até à realização de novas intervenções no local.

5.2.2. O Paço Episcopal até aos finais do século XVI

Até ao séc. XI é virtualmente impossível reconstituir a história das edificações no espaço do antigo fórum. Das ocupações medievais do local não restam testemunhos arqueológicos concludentes que possibilitem uma análise detalhada sobre a evolução e transformação do espaço ou até sua problematização. Os vestígios mais antigos deverão fixar-se no séc. XI, muito provavelmente de momento posterior à tomada definitiva da cidade em 1064. Será neste período que se procede ao nivelamento da varanda romana da fachada poente e ao aterro de estruturas⁵ na ala sul do criptopórtico. Dados, embora ténues, suficientes para demonstrar a ocorrência de transformações no edificado, eventualmente associadas ao momento inicial de fixação da residência dos bispos neste local. A génese do paço episcopal no lugar outrora ocupado pelo fórum romano não se encontra documentada. Socorrendo-se da análise documental, J. de Alarcão (2008: 105-107) defende que possa ter ocorrido nos finais do séc. XI. As fontes consultadas apontam para a existência, em 1083, de uma igreja dedicada a S. João e que, em 1087, nova igreja (contemplada no testamento de D. Sesnando) estivesse em construção. Conciliando estes dados, duas linhas interpretativas se afiguram como possíveis: ao tempo em que se erguia a igreja sesnandina já parte do antigo fórum tinha sido transformado em paço episcopal ou esta igreja e paço seriam obras contemporâneas. Em todo o caso, não é de todo inverosímil que a residência episcopal ocupasse o lugar da antiga basílica do fórum romano já no séc. XI, ao tempo de D. Sesnando e do

⁵ Referimo-nos à estrutura parcialmente construída em taipa localizada na sond. 4 da ala sul do criptopórtico que poderá corresponder a um celeiro/silo que reaproveitou em parte os pré-existentes muros romanos. Refira-se, ainda, que outra estrutura em taipa tinha já sido detectada por Pedro Carvalho (1998: 118) no canto NO do edifício (no seu sector B), interpretando-a como possível testemunho da ocupação inicial do bispado.

bispo D. Paterno. Apesar disso, do hipotético paço de finais do séc. XI nada restou para além de uma porta localizada na fachada sul do corpo setentrional do museu (**Figura 10, p. 50**). Da igreja pré-românica que ao mesmo tempo se ergueu, nada se observa hoje, tendo-se gorado a esperança de encontrar os respectivos alicerces na intervenção realizada junto aos pilares na nave central do templo românico (**Figura 10, p. 50**). Aliás, a escavação ali realizada ambicionava a recolha de dados que colaborassem no esclarecimento de várias questões referentes à fundação e evolução da(s) igreja(s) de S. João. São vários os autores que se têm debruçado sobre o assunto (Alarcão, 2008: 105-109; Real, 1974: 46-61; Gonçalves, 1938: 9-13; Rossa, 2001: 265-280, entre outros) construindo, todavia, discursos contraditórios. Um dos poucos dados que não levanta objecções prende-se com a datação do claustro que permanece, parcialmente reconstruído, no seu local original, a norte da igreja e que corresponderá ao claustro da igreja pré-românica. Por razões estilísticas não se irmana ao templo românico (Real, 1974: 48-52) que, no entanto, o terá integrado.

A igreja sesnandina foi demolida na segunda metade do séc. XII (Alarcão, 2008: 127) e em seu lugar edificado o templo românico consagrado entre 1192 e 1206 (Barroca, 2000, II (1): 633). Ao contrário do que sucede com a sua versão “visigótico-moçárabe” da qual, para além do claustro, não dispomos de qualquer outro elemento estrutural, a versão românica conserva alguns vestígios que permitem uma análise mais circunstanciada. Com efeito, destacam-se as bases de dois dos pilares colonados (**Figura 10, p. 50**) cuja datação se encontra atestada por intermédio da escavação das respectivas valas de fundação. Subsistem igualmente as paredes laterais e a fachada ocidental, onde se vislumbra uma arcada cega. Depreende-se que seria uma igreja de grande dimensão, de estilo beneditino, com três naves largas e três ramos (Andrade et alii, 2000; Alarcão, 2009: fig. 5, B). A entrada estaria virada a ocidente e abriria para um terreiro que, a julgar pela posição dos enterramentos identificados, se deveria estender até ao limite oeste da plataforma forense.

Como é sabido, o paço dos bispos foi sendo alvo de continuadas remodelações ao longo dos séculos, porque, envelhecido, carecia de reparação, ou porque bispos houve que o consideravam modesto em demasia para morada de uma das principais figuras eclesiásticas do reino. As recentes escavações e picagens de paredes não proporcionaram elementos suficientes que permitam recompor a história do edifício. Lamentavelmente, as obras de renovação realizadas nos finais do séc. XIX, na prelatura D. Manuel Bastos Pina, e o esforço de adaptação promovido pela DGEMN no séc. XX apagaram, quase por completo, as reminiscências que ainda restariam do paço medieval ou da morada manuelina do notável bispo que foi D. Jorge de Almeida.

Socorremo-nos, novamente, da documentação histórica para sustentar novas análises interpretativas. Referimo-nos, neste caso, à carta de entrega do paço episcopal de

Coimbra ao Cabido da Sé por falecimento D. Gil Alma (1415), datada de 1416⁶. O referido auto oferece-nos a descrição mais antiga que se conhece da residência episcopal. Para além do arrolamento dos bens do bispo, faz um inventário sumário das acomodações do paço cuja tentativa de localização não é óbvia, suscitando diferentes leituras. Entre estas não podemos deixar de mencionar o trabalho de Milton Pacheco (2009 e 2013). Contudo, subscrevemos a proposta de Adília Alarcão (2018) que, alicerçada nos poucos vestígios arqueológicos e estruturais observados, faz implantar o conjunto edificado descrito (formado pela casa de habitação, anexos domésticos, capela e o pomar/jardim) sobre todo o espaço outrora ocupado pela basílica romana. O rigor e solidez dos argumentos apresentados pela autora, enaltecidos pela reconstituição em desenho que apresenta do paço de 1416, dispensa que sobre ele tenhamos mais considerações, remetendo a análise mais pormenorizada para aquele trabalho. Importa, todavia, reter da leitura do dito documento que o paço se encontrava nessa data, se não abandonado, pelo menos em avançado estado de ruína. Situação que não condiz com a nova e dignificante dimensão áulica que terá configurado a residência de D. Jorge de Almeida (1483-1543), conforme se testemunha a partir da referência a múltiplos elementos artísticos (tectos mudéjares, azulejos hispano-árabes e cantarias de nítido talhe manuelino (Dias, 1980: 384; Dias, 1982: 209-210) que, embora desbaratados em obras posteriores, não deixam de comprovar a realização de melhoramentos no paço na viragem dos séc. XV para o XVI. Desta feita, não se conhece, para este período, nenhuma descrição de obras de restauro ou remodelação do paço que, apesar do considerável aumento da área habitada, se terá mantido na ala norte deste espaço. As intervenções arqueológicas realizadas nesta área também não identificaram vestígios inequívocos dessa grande obra, por certo apagadas pelas transformações de época contemporânea. Destaca-se, no entanto, a descoberta *in situ* de duas portas de feição manuelina, no primeiro andar do edifício sul deste bloco de edificações setentrional, que reforçam a tese de uma campanha construtiva durante o episcopado de D. Jorge de Almeida. A amplitude dessa reforma deverá ter sido tal que concluída a nova reestruturação do espaço, por D. Afonso de Castelo Branco, este, como sinal de reconhecimento da acção do seu antecessor, conserva o brasão daquele associado às suas próprias armas de fé no portal de entrada.

O inventário de bens de D. Manuel Meneses, redigido por altura da sua morte em Alcácer Quibir em 1578 (Dias, 2002), indica que entre o período que medeia o seu episcopado e o anterior (D. Jorge de Almeida) não terá ocorrido nenhuma reforma digna de destaque. Assumindo o bispado de Coimbra em 1585, será D. Afonso de Castelo

⁶ Arquivo da Universidade de Coimbra, Coleção de Pergaminhos, documento n.º 33. *Apud* A. J. Peixinhos Caia (1989: 54-56).

Branco o responsável por novo programa renovador concluído em 1592, data que inscreve no portal principal. Embora essa intervenção não esteja documentada, são várias as reformas que se lhe atribuem, algumas delas fundamentadas pelo registo arqueológico. Será desnecessário revisitar em pormenor o paço de finais do séc. XVI, já nomeado exaustivamente noutros trabalhos (Pacheco, 2009, entre outros). Assume, no entanto, particular destaque a remodelação do bloco sul cujos níveis de construção tivemos oportunidade de sondar durante a escavação realizada na ala sul do criptopórtico. Estendendo definitivamente e em agremiação solidária a propriedade a toda a plataforma definida pelo criptopórtico, transforma o espaço outrora ocupado por pequenas construções isoladas num edifício de dois pisos, reservando o inferior para a instalação da cavaleriça como fazem prova o pavimento de seixos e as manjedouras identificadas em escavação. O conjunto de sapatas fundacionais registadas durante a intervenção arqueológica no alinhamento mediano do corpo sul não deixa perceber com exactidão como se erguia o edifício, cuja morfologia se deverá inspirar na feição do corpo norte.

Unindo os dois blocos, procede-se à realização mais grandiosa do programa – o lançamento da varanda ocidental, a *loggia* maneirista. Também neste particular, os últimos trabalhos arqueológicos lograram esclarecer alguns aspectos que se mantinham menos claros. Referimo-nos à datação do muro construído de encosto à interface que marca a derrocada da fachada poente do criptopórtico romano e que suporta os alicerces daquela dupla colunata quinhentista. Apesar de se questionar a opção estética utilizada (Alarcão, 2008: 130), os argumentos alinhavados não deixam margem para grandes dúvidas: muro de suporte e *loggia* são obras contemporâneas e solidárias. Salienta-se que tal conclusão deriva da observação de diversos fragmentos cerâmicos incluídos na construção daquele muro datados da segunda metade do séc. XVI.

Em suma, não deixa de ser curioso constatar que, apesar de alguma irregularidade volumétrica, o palácio episcopal de finais do séc. XVI, constituído por volumes que resultam, como vimos, de sucessivas construções e ampliações efectuadas em diversas épocas, encarna uma configuração que em termos gerais repõe o traçado do antigo fórum romano.

6. NOTA FINAL

Após o caminho que fizemos, pelas leituras históricas convocadas, pelos relatos e relatórios arqueológicos apresentados, salta de novo à evidência a vitalidade do tempo longo que se condensa no lugar hoje ocupado pelo Museu Nacional de Machado de Castro.

Nunca se teve a ingénua pretensão de realizar um estudo conclusivo. Pelas muitas questões que se deixam em aberto, pela complexa dinâmica arquitectónica do local, pelas limitações que residem na própria natureza do *corpus* arqueológico, sempre sus-

ceptível de actualização, este trabalho volta a recriar em chave um conjunto de informações e pendências cujo esclarecimento reclama pela continuidade da investigação. É certo que da reunião e consentânea revisão dos resultados das várias intervenções arqueológicas se esclareceram e resolveram problemas pontuais que o edifício ainda colocava. Embora se apresente uma breve caracterização das sucessivas lógicas formais e diferentes fases de construção do monumento entre o séc. I e finais do séc. XVI, o estudo foi como que absorvido pela análise detalhada das realidades estratigráficas e materiais (os artefactos) postas em evidência. Mas também por este prisma se resgata a vivência deste espaço e o quotidiano dos indivíduos que dele fruíram em determinada época.

A reconstituição arquitectónica dos sucessivos momentos de construção foi conscientemente afluída de modo superficial. Para o período romano nada de significativo acrescentamos às propostas de restituição já apresentadas para os dois complexos forenses (Carvalho, 1998 e Alarcão *et alii*, 2009). Contudo, o estudo apresentado reforça e fundamenta as teses enunciadas. Para o fórum augustano, os indícios recolhidos são de todo insuficientes para encetar novas interpretações. Para o fórum claudiano, enquanto se desconhecer a organização da sua quadra oriental, sustentamos a composição arquitectónica conhecida da qual o templo, como edifício autónomo, se encontra excluído, achando-se antes estruturado em função de uma basílica com *aedes Augusti*. Por ora, não se extinguiu a esperança de, em breve, se poder sondar a área que subjaz sob a actual igreja de S. João de Almedina que poderá contribuir para o esclarecimento destas e de outras questões (nomeadamente a da configuração da igreja românica e pré-românica).

Pelo contrário, julgamos terem-se esgotado as possibilidades de recolha de novos dados arqueológicos acerca do paço episcopal primitivo. Este continuará envolto nalguma obscuridade, deixando somente transparecer os contornos desfocados de um edifício porventura de traça simples mas de difícil percepção. É decerto curioso perceber o empenho dos diversos prelados em estender a sua propriedade a toda a plataforma definida pelo criptopórtico. Facto consumado em finais do séc. XVI por D. Afonso de Castelo Branco que, embora sem disso ter consciência, o dota de uma composição arquitectónica muito semelhante à primeira operação de racionalização do espaço.

O edifício, apesar da sua condição híbrida, constituído por um conjunto de volumes sobrepostos e com diferentes escalas, sempre foi condicionado pela obra primitiva – o criptopórtico romano. Nesta construção cada detalhe é um manifesto. Repositório de muitas histórias, reclama de forma segura, sem hesitações ou abusos, o seu estatuto de centro, coroação e âmagô da colina genética da cidade.

É este vasto silêncio de “pedra”, ritmado pela cadência de arcarias, o elemento germinal e determinante em toda a orgânica estrutural do lugar até aos nossos dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Adília (2018) – *De Paço a Museu – um edifício singular / From Palace to Museum – a very particular building*. Universidade de Coimbra: Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

ALARCÃO, Jorge de (1971) – *Criptopórtico* [catálogo]. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro.

ALARCÃO, Jorge de (1974) – *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra.

ALARCÃO, Jorge de (1990) – *Relatório dos trabalhos de escavação arqueológica realizados no criptopórtico romano do Museu Nacional de Machado de Castro – campanha de 1989 no piso inferior do criptopórtico*. Coimbra. Trabalho policopiado.

ALARCÃO, Jorge de (2008) – *Coimbra: a montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

ALARCÃO, Jorge de (2009) – “A igreja românica de S. Bartolomeu de Coimbra”, *Conimbriga*, XLVIII, pp. 211-230.

ALARCÃO, Jorge de; ANDRÉ, Pierre; BARRELAS, Paulo; CARVALHO, Pedro; SANTOS, Fernando; SILVA, Ricardo C. (2009) – *O Forum de Aeminium. A busca do desenho original / The Forum of Aeminium: The search for the original design*. Lisboa: IMC, MNMC e EDIFER.

ALMEIDA, Lourenço Chaves de (1946) – “S. João de Almedina teria sido a velha Sé de Coimbra?”. *Ocidente*, n.º 103, vol. XXX, Lisboa, pp. 121 a 128.

ALMEIDA, Sara e TEMUDO, Susana (2015) – “Cerâmica do séc. XIII, no contexto do bairro judaico de Coimbra (Portugal)”. In GONÇALVES, M. J.; GÓMEZ-MARTÍNEZ, S. (Eds.), *Actas do X Congresso Internacional – A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, Silves (2012), pp. 291-297.

ALMEIDA, Sara; SILVA, Ricardo C.; VILAÇA, Raquel (2015) – “Testemunhos da ocupação pré-romana no forum de Aeminium (MNMC, Coimbra, Portugal) / Pre-roman testimonies in the Aeminium forum (Coimbra, Portugal)”, *Revista Antrope*, Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, vol. 3, pp. 39-63.

ALVES, Francisco J. S.; RODRIGUES, Paulo; GARCIA, Catarina; ALELUIA, Miguel (1998) – “A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV *Ria de Aveiro A* e da zona *Ria de Aveiro B*. Aproximação tipológica preliminar”. *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela, pp. 185-210.

ANDRADE, Hugo; BASÍLIO, Marco; RODRIGUES, Pedro; PINTO, Sandra (2000) – *A Igreja românica de S. João de Almedina*. Coimbra: Departamento de Arquitectura da FCTUC. Trabalho académico policopiado.

ARNAUT, Salvador Dias (2000) – *A arte de comer em Portugal na Idade Média*. Sintra: Colares.

BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*. Lisboa.

CARVALHO, J. M. Teixeira de (1921) – *A cerâmica coimbrã no século XVI*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

CARVALHO, Patrícia e BETTENCOURT, José (2013) – “De Aveiro para as Margens do Atlântico – a carga do navio *Ria de Aveiro A* e a circulação de cerâmica na época Moderna”. *Velhos e Novos Mundos – Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. 2, Lisboa: CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa, pp. 733-746.

CARVALHO, Pedro C. (1998) – *O Forum de Aeminium*. Lisboa, Instituto Português de Museus.

CARVALHO, Pedro; MATIAS, Dina; RAMOS, Ana P.; RIBEIRO, Carla; SANTOS, Fernando; SILVA, Ricardo C. (2010) – “Caminhando em redor do forum de Aeminium (Coimbra, Portugal)”, T. Nogales Basarrate (ed.) *Ciudad y Foro en Lusitania Romana / Cidade e Foro na Lusitânia Romana. Studia Lusitana*, 4, pp. 69-88.

CATARINO, Helena; FILIPE, Sónia; SANTOS, Constança (2009) – “Coimbra islâmica: uma aproximação aos materiais cerâmicos”, *XELB*, 9, (Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve), pp. 333-376.

CORREIA, Vergílio (1944) – *Museu Machado de Castro. Secções de Arte e Arqueologia. Catálogo-Guia*. Coimbra.

CORREIA, Vergílio (1946) – *Obras*, I. Coimbra.

CORREIA, Vergílio e GONÇALVES, A. Nogueira (1947) – *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes.

DAVID, Pierre (1947) – *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle*. Lisboa/Paris: Portugalíia Editora / Societé D'Édition Le Belles Lettres.

DELGADO, Manuela, MAYET, Françoise, ALARCÃO, Adília (1975) – *Fouilles de Conimbriga, IV (Les Sigilées)*, E. de Boccard, Paris.

DIAS, Pedro (1980) – “O mudejarismo na arte coimbrã — séculos XV e XVI”, *Arquivo Coimbrão*, 27-28, pp. 347-393.

DIAS, Pedro (1982) – *A arquitectura de Coimbra na transição do Gótico para a Renascença, 1490-1540*. Coimbra.

DIAS, Pedro (2002) – “O Inventário dos Bens Móveis do Bispo de Coimbra D. Manuel de Meneses feito em 1578”. *Arquivo Coimbrão*. Coimbra: Boletim da Biblioteca Municipal, vol. XXXV, pp. 353-385.

FARELEIRA, Luís (2014) – *Estudo dos “Outros Materiais”, provenientes do Museu Nacional de Machado de Castro*. Dissertação de mestrado em Arqueologia e Território apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – policopiada.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2014) – *El comercio tardoantiguo (ss. IV–VII) en el Noroeste Peninsular a partir del registro cerámico de la Ría de Vigo*. RLAMP 5, Oxford: Archaeopress.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ Adolfo; MORAIS, Rui (2012) – “*Terra Sigillata* Bracarense Tardía (Tsbt). O Grupo II das Cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável (Delgado 1993-94). O Cerâmicas de Engobe Vermelho. Grupo II (Delgado y Morais, 2009)”. In BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA i LACOMB, A. (eds.) – *Cerâmicas Hispanorromanas II*. Cádiz. pp. 131-174.

FUENTES DOMÍNGUEZ, A. (1987) – “Avance del Foro de Valeria (Cuenca)”, *Los foros romanos de las provincias occidentales*, Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 69-72.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana; MENDES, H.; PINTO, P.; GUERRA, S.; RIBEIRO, S.; PIMENTA, J.; VALONGO, A. (2009) – “Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador – Castelo de S. Jorge, Lisboa”. *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval*. Ciudad Real-Almagro. Tomo II, pp. 653-672.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2013) – “A cerâmica moderna do castelo de São Jorge: produção local de cerâmica comum, pintada a branco, moldada e vidrada e de faiança”. *Velhos e Novos Mundos – Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. 2, Lisboa: CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa, pp. 719-732.

GOMES, Paulo Dórdio (1996) – “O livro de cozinha da Infanta D. Maria”. *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*. Câmara Municipal de Barcelos: Museu da Olaria, n.º 1, pp. 93-104.

GONÇALVES, A. Nogueira (1938) - *Novas hipóteses acerca da arquitectura românica de Coimbra*, Coimbra.

GONÇALVES, Luís J. R. (2007) – *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano*. *Studia Lusitana*, 2. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

HARRIS, E. C. (1989) – *Principles of archaeological stratigraphy*. London: Academic Press Limited.

MEDICI, Teresa (2014) – *Vídeos da terra. O vidro tardomedieval e moderno em Portugal (séculos XIV-XVII). O contributo da arqueologia*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 vols. – policopiada.

MIRÃO, José; CANDEIAS, António; PRAZERES, Cátia; ROSADO, Lúcia; DIAS, Luís; COSTA, Rita (2015) – *Notas sobre o estudo material de cerâmicas de Coimbra: romanas, medievais e vidradas (séc. XVI)*. Centro Hércules: Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora – relatório policopiado.

OLEIRO, J. M. Bairrão (1955-56) – “O criptopórtico de Aeminium”. *Humanitas*, 7-8, Coimbra, pp. 151-160.

OLEIRO, J. M. Bairrão e ALARCÃO, Jorge de (1973) - “Le Cryptoportique d’Aeminium (Portugal)”, *Les cryptoportiques dans l’architecture romaine* (Collection de l’École Française de Rome, 14), CNRS, Roma, pp. 349-367.

PACHECO, Milton Pedro Dias (2009) – *Por detrás de um Museu. O Paço Episcopal de Coimbra: história e memória*. Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.

PACHECO, Milton Pedro Dias (2013) – “Nos Paaços que fforom de Dom Gil Bispo”: a residência episcopal de Coimbra nos inícios do século XV”. *Actas do 3º Congresso Internacional Casa Nobre, um património para o futuro*, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, 2011, pp. 864-880.

PEREIRA, Isabel; SILVA, Teófilo; PACHECO, António; SILVA, Ricardo Costeira da (no prelo) – *A colecção numismática do Museu Nacional de Machado de Castro*, MNMC: Coimbra.

PONSICH, Michel (1974) – “La fontaine publique de Belo”, *Mélanges de la Casa Velázquez*, 10, pp. 21-39.

REAL, Manuel L. (1974) – *A arte românica de Coimbra (Novos dados – novas hipóteses)*. Dissertação de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2 vols. (texto dactilografado).

ROSSA, Walter (2001) – *Diversidade – urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*. Coimbra (Dissertação de doutoramento em Arquitectura, policopiada, apresentada à FCTUC).

SILVA, Ricardo C. (2011) – “O quarteirão urbano a poente do *Forum* de Aeminium (Coimbra, Portugal) – a sua configuração ao longo do séc. I d.C. / The urban block west of the forum of Aeminium (Coimbra, Portugal) – its evolution during the 1st c. AD”. *Conímbriga*, L (50), Universidade de Coimbra: Faculdade de Letras, 2011 (editado em 2014), pp. 79-99.

SILVA, R. C. (2013a) – “A arqueologia de salvaguarda no Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra, Portugal)”, *In ALLEN, Scott J.; LOPES, M. Conceição e ETCHEVARNE, Carlos (orgs.), Arqueologia a Serviço da Cidade: Anais do III Fórum Luso-Brasileiro de Arqueologia Urbana*. Editora Universitária – UFPE (Universidade Federal de Pernambuco): Recife, 2013, pp. 179-203.

- SILVA, Ricardo C. (2013b) – “Primeira abordagem a um depósito moderno no antigo paço episcopal de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro): a cerâmica desde meados do século XV à consolidação da Renascença”. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM/FCSH, Lisboa, vol. 2, pp. 877-890.
- SILVA, Ricardo C. (2014) – “A cerâmica dos níveis alto-medievais do fórum de Aeminium (MNMC, Coimbra)”. In DE MAN, Adriaan e TENTE, Catarina (Coord.), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal – sécs. IX a XII*. Lisboa, 2014, pp. 79-97.
- SILVA, Ricardo C. (2015) – “Medieval pottery from the forum of Aeminium (Coimbra, Portugal) – a proposal of chrono-typological evolution”. In GONÇALVES, M. J.; GÓMEZ-MARTÍNEZ, S. (Eds.), *Proceedings of 10th International Congress on Medieval Pottery in the Mediterranean (Silves/Mértola, 2012)*, 2015, pp. 739-749.
- SILVA, Ricardo C. (2016) – “The Faience of the 2nd half of the 16th century at the Episcopal Palace of Coimbra (Portugal)”. In GOMES, R. V.; CASIMIRO T. M.; GOMES, M. V. (Eds.), *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências / Pórtico Librerías, 2016, pp. 181-188.
- SILVA, Ricardo C. (2018) – “Late 16th century glazed ceramics from Coimbra (Portugal)”, *XIth Congress AIECM3 on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics Proceedings*, (Antalya (Turkey), 2015), Koc University Press, Istanbul, pp. 407-411.
- SILVA, R. C.; FERNÁNDEZ, A.; CARVALHO, P. (2018a) – “La cerámica de importación de los contextos de época Claudia del forum de Aeminium (Coímbra, Portugal) / The imported pottery from the early empire contexts of Aeminium forum (Coimbra, Portugal)”, *Revista SPAL*, Universidad de Sevilla, n.º 27.1, 2018, pp. 119-143.
- SILVA, R. C.; FERNÁNDEZ, A.; CARVALHO, P. (2018b) – “La cerámica común de los contextos alto imperiales del fórum de Aeminium (Coimbra, Portugal)”, In *Rei Cretaria Romanae Fautores Acta* 45 (Lisboa, 2016), 2018, pp. 29-38.
- SOUZA, Vasco de (1990) – *Corpus Signorum Imperii Romani. Corpus der Skulpturen der römischen Welt. Portugal*. Coimbra.
- TORRES, Cláudio (s.d.) – *Um Forno Cerâmico dos Séculos XV e XVI na cintura industrial de Lisboa*. (s.l.) Câmara Municipal do Barreiro.
- VASCONCELOS, António de (2000) – “A residência dos Bispos de Coimbra”, In RODRIGUES, Manuel A. (coord.), *António de Vasconcelos perpetuado nas páginas do “Correio de Coimbra” (1922-1941)*, Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, pp. 117-119.
- VASCONCELLOS, Carolina Michaelis de (1921) – *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

FIGURAS E TABELAS

FIGURES AND TABLES

Sectores	Áreas específicas de intervenção	Correspondência com a campanha 2006-2008
Criptopórtico	Piso superior	–
	Piso inferior	Sector C – Área IV – sondagens 1 e 2
	Ala sul	Sector C – Área I – sondagens 1 a 4
Plataforma Superior	Área poente	Sector C – Área II – sondagem 1
	Área central	Sector C – Área III – sondagens 1 a 6
	Área nordeste	Sector D – Área I – sondagens 1 a 5
	Área nascente	Sector D – Área II – sondagens 1 a 3
Quarteirão Poente	Gaveto da R. Borges Carneiro / Beco das Condeixeiras	Sector A
	Antigo logradouro do Paço Episcopal	Sector B

Tabela 1 – Correspondência das áreas de intervenção.

Sectors	Specific intervention areas	Correlation with the 2006-2008 field seasons
Cryptoportico	Upper floor	–
	Lower floor	Sector C – Area IV – sondages 1 and 2
	South wing	Sector C – Area I – sondages 1 to 4
Upper platform	West area	Sector C – Area II – sondage 1
	Central area	Sector C – Area III – sondages 1 to 6
	Northeast area	Sector D – Area I – sondages 1 to 5
	East area	Sector D – Area II – sondages 1 to 3
West block	Corner of R. Borges Carneiro / Beco das Condeixeiras	Sector A
	Old <i>logradouro</i> of the episcopal palace	Sector B

Table 1 – Intervention areas correlation table.



Figura 1 – Implantação da área de estudo na malha urbana de Coimbra: A – Instalações seculares do Museu Nacional de Machado de Castro / área do fórum; B – antigo Logradouro do Paço Episcopal; C – gaveto do Beco das Condeixeiros. Em baixo, representação do museu (instalado no antigo paço episcopal) e criptopórtico romano subjacente (Desenho de Roque Martins. Reproduzido de Oleiro e Alarcão, 1973).

Figure 1 – Location of the study area within the urban grid of Coimbra: A – the centuries-old facilities of the Museu Nacional de Machado de Castro / forum area; B – the old *logradouro* of the Paço Episcopal; C – the Beco das Condeixeiros corner. Bottom: a depiction of the museum (located at the former episcopal palace) and the underlying Roman (drawing by Roque Martins; reproduced from Oleiro and Alarcão, 1973).

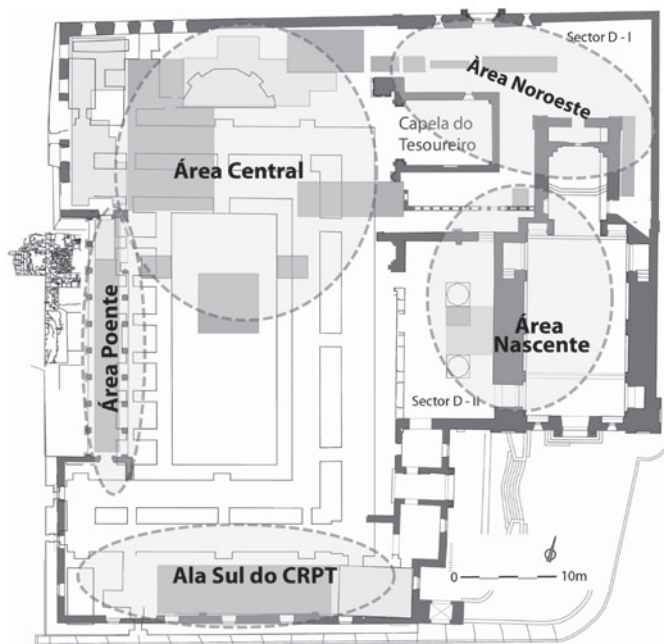
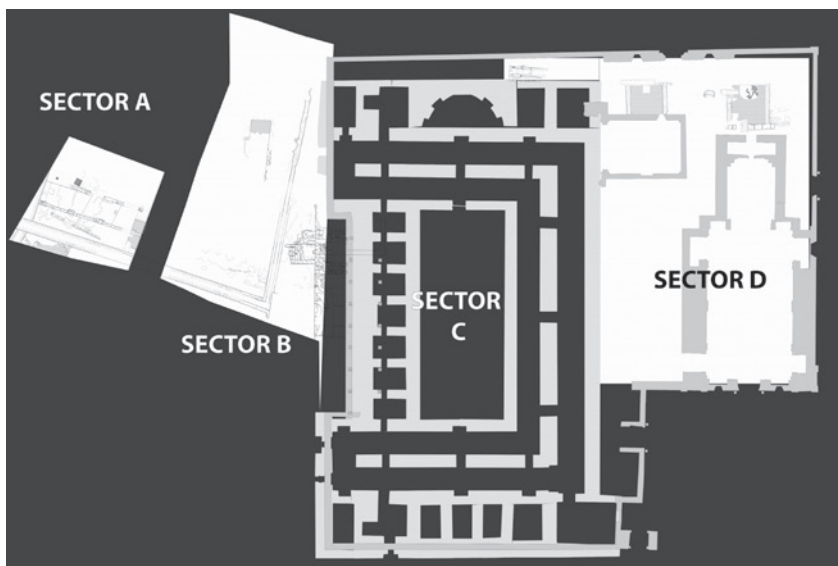


Figura 2 – Em cima, localização dos sectores de intervenção (Sectores A, B, C e D). Em baixo, plataforma superior e ala sul do criptopórtico: localização das áreas específicas de intervenção.

Figure 2 – Top: location of the intervention sectors (Sectores A, B, C and D). Bottom: upper platform and southern wing of the cryptoportico: location of the specific intervention areas.

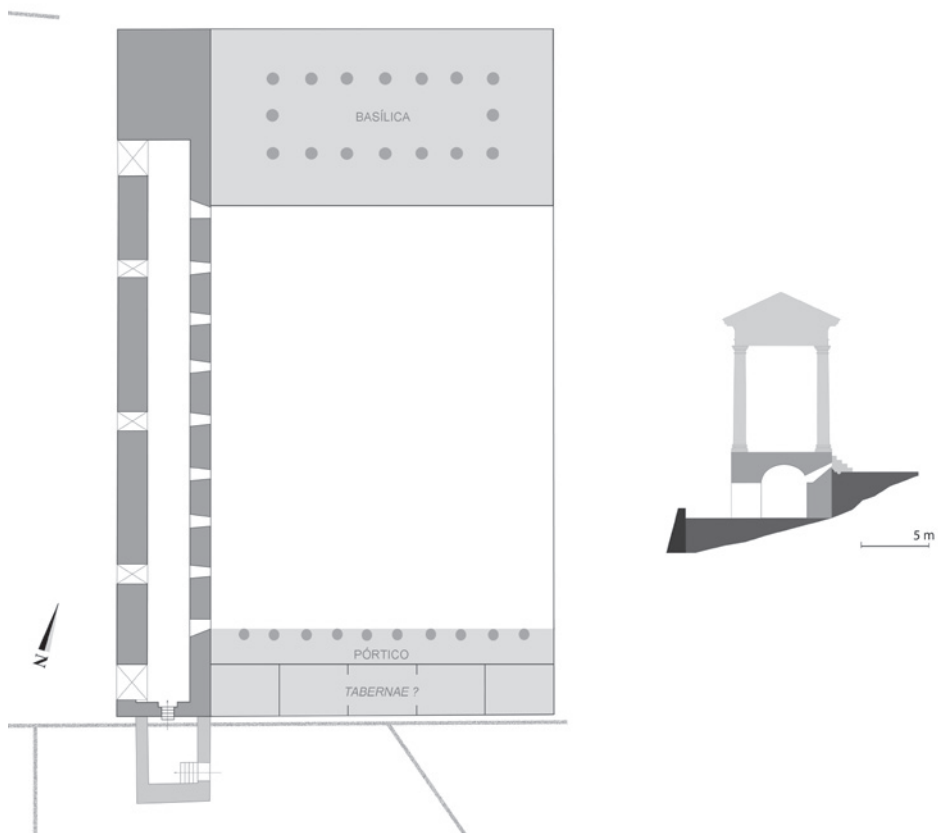


Figura 3 – Reconstituição hipotética do fórum de Augusto (desenho de José Luís Madeira).
Figure 3 – Hypothetical reconstitution of the Augustan forum (drawing by José Luís Madeira).

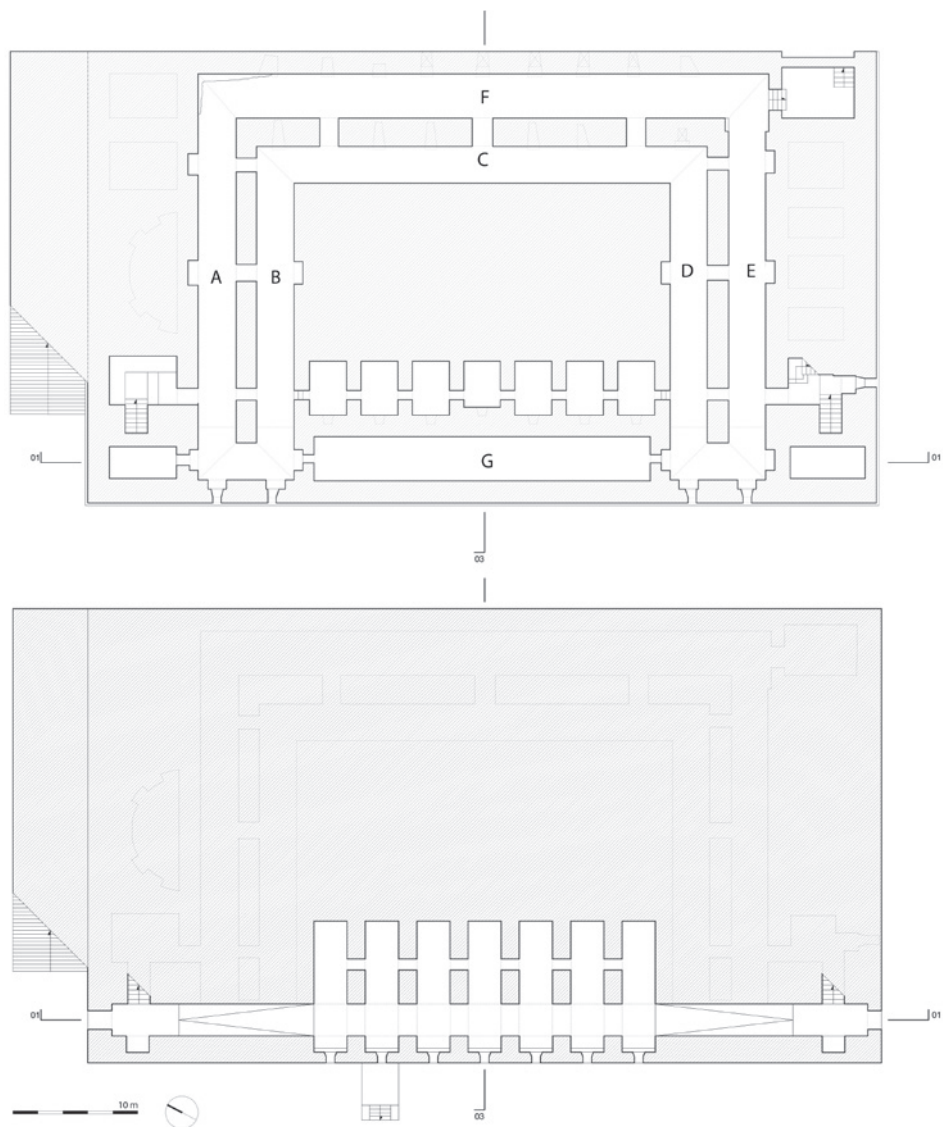


Figura 4 – Em cima, planta do piso superior do criptopórtico (com galerias numeradas). Em baixo, planta do piso inferior do criptopórtico.

Figure 4 – Top: floor plan of the cryptoportico (the galleries are numbered). Bottom: floor plan of the cryptoportico's lower floor.

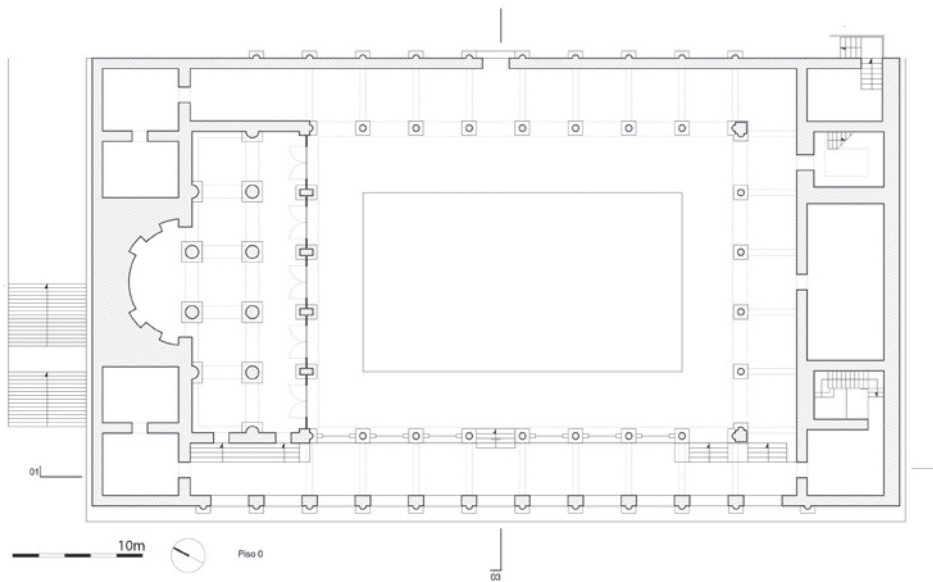


Figura 5 – Planta do fórum claudiano. (Desenho de Paulo Barrelas).
Figure 5 – Layout of the Claudian forum (drawing by Paulo Barrelas).

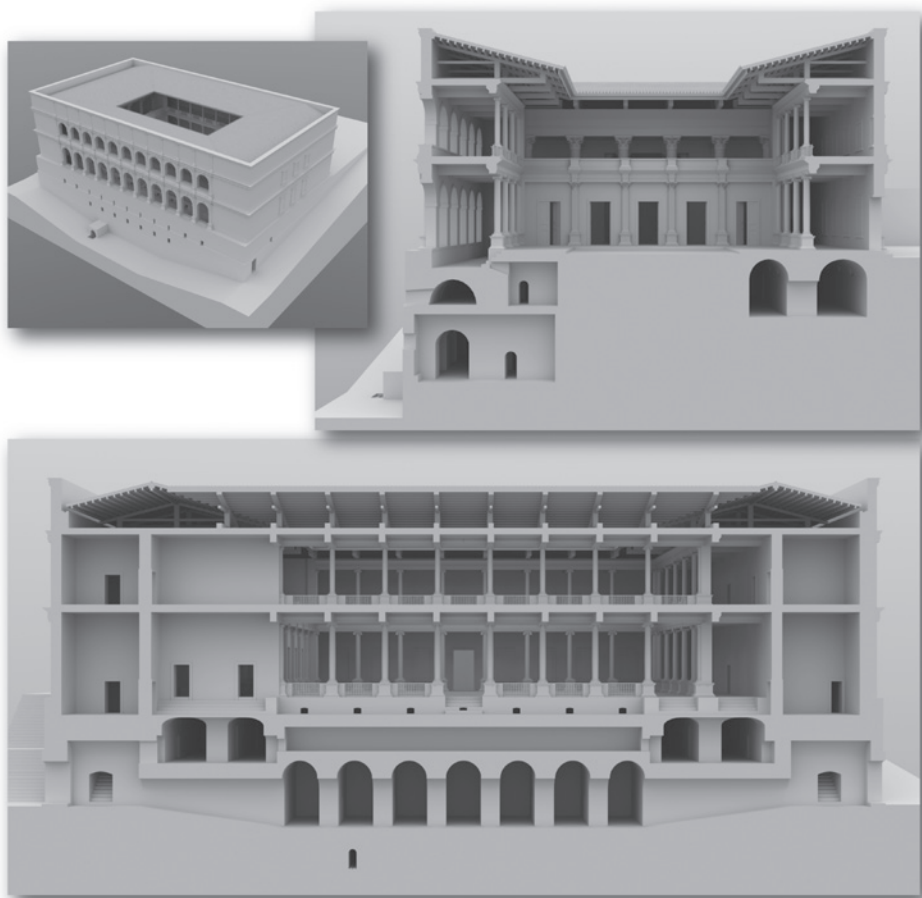


Figura 6 – Reconstituições 3D do fórum Claudiano.
Figure 6 – 3D reconstitutions of the Claudian forum.



Figura 7 – Em cima, criptopórtico de Augusto que veio a ser integrado no de Cláudio (galeria F). Em baixo, ala sul do criptopórtico. (Fotografias de Danilo Pavone).

Figure 7 – Top: the Augustan cryptoportico that was eventually integrated into the Claudian forum (gallery F). Bottom: the southern wing of the cryptoportico (photographs by Danilo Pavone).

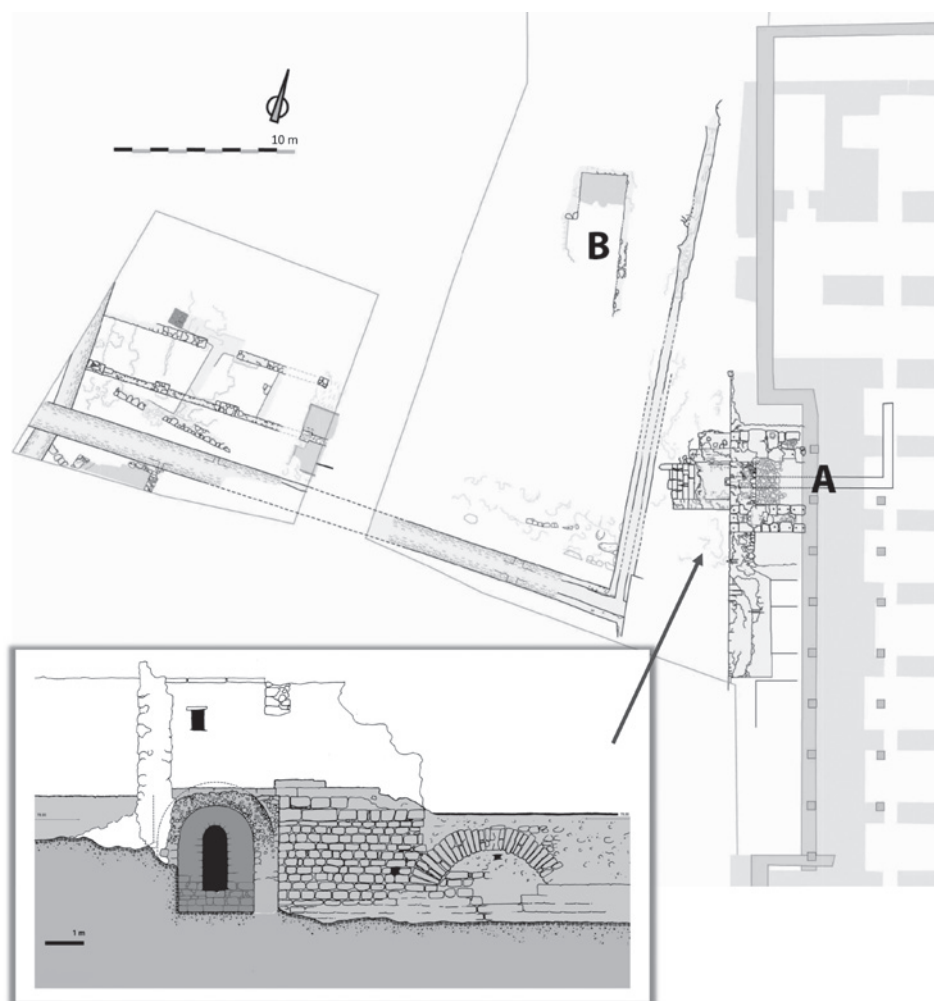


Figura 8 – Planta geral das estruturas romanas a poente do fórum de *Aeminium*, com alçado poente (parcial) do criptoportico (desenho de José Luís Madeira).

Figure 8 – Overall plan of the Roman structures to the west of the *Aeminium* forum and (partial) western elevation of the cryptoportico (drawing by José Luís Madeira).

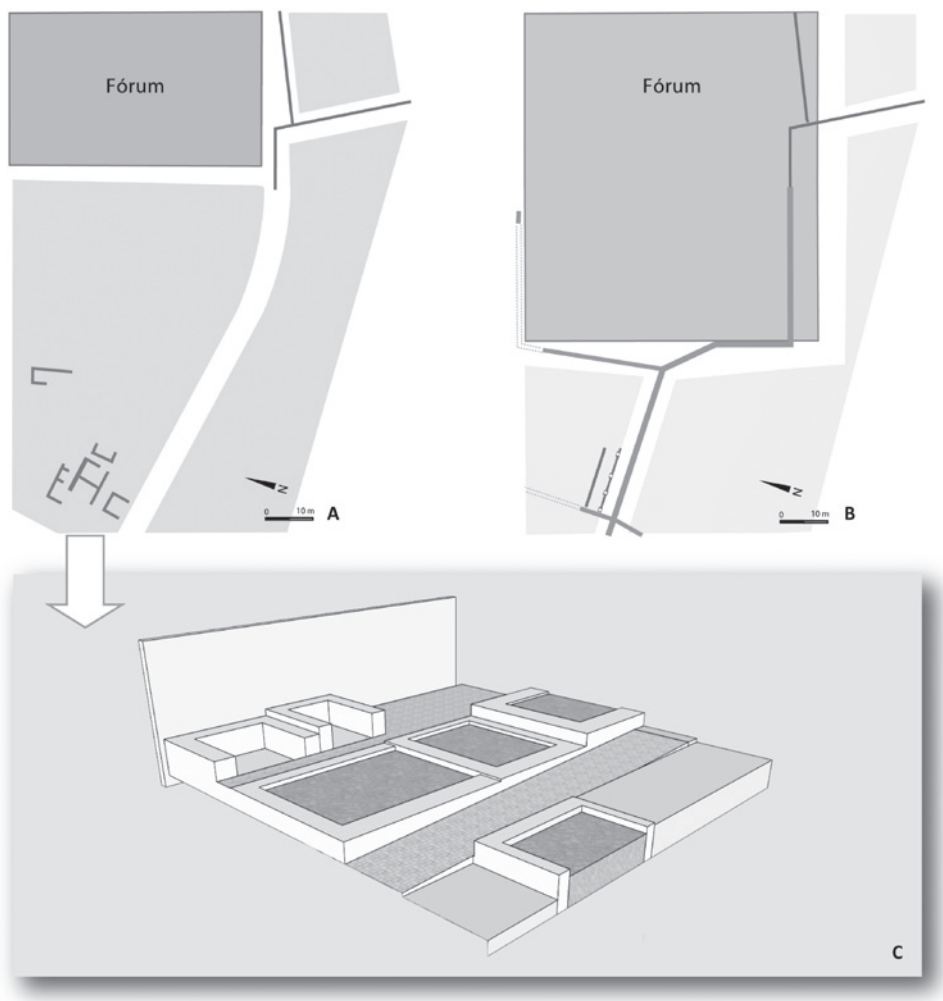


Figura 9 – Traçado hipotético do *decumanus maximus* no quarteirão a poente do fórum: A – nos inícios do século I; B – após a renovação urbanística (meados do século I); C – reconstituição hipotética do interior do edifício da 1ª metade do séc. I – *fullonica* (?). (Desenhos de Sara Almeida).

Figure 9 – Hypothetical layout of the *decumanus maximus* in the quarter to the west of the forum: A – beginning of the 1st century; B – after the urban renewal (mid-1st century); C – hypothetical reconstitution of a building from the first half of the 1st century, possibly a *fullonica* (drawings by Sara Almeida).

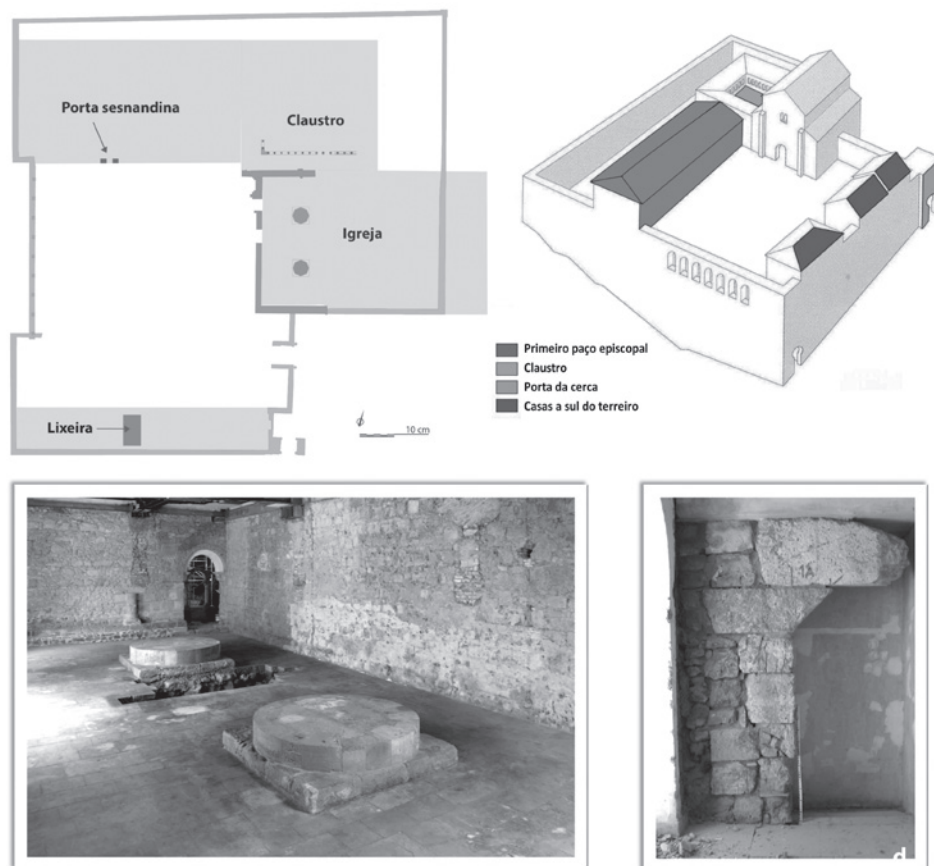


Figura 10 – Em cima, demarcação de possíveis áreas ocupadas pelo Paço Episcopal no século XII e sua reconstituição (reproduzida, com pequenas alterações, de Alarcão, 2008: 128, fig. 52). Em baixo, vista geral da igreja românica de S. João e antiga porta do paço episcopal, provavelmente da época de D. Sesnando (fins do séc. XI), reconstruída.

Figure 10 – Top: demarcation of areas possibly occupied by the Paço Episcopal in the 12th century and its reconstitution (reproduced, with minor changes, from Alarcão, 2008: 128, fig. 52). Bottom: general view of the Romanesque church of St. João and the (reconstructed) old door of the episcopal palace, probably from the times of Dom Sesnando (end of the 11th century).

FROM THE AUGUSTAN FORUM TO THE EPISCOPAL PALACE OF AFONSO DE CASTELO BRANCO – AN ESSAY ON URBAN ARCHAEOLOGY IN COIMBRA

Ricardo Costeira da Silva

rcosteiradasilva@gmail.com

Faculty of Arts and Humanities. University of Coimbra, Portugal

Study Centre for Archaeology, Arts and Heritage Sciences (CEAACP)

Abstract

This dissertation focuses on the archaeological activity carried out since the 1930s at the Museu Nacional de Machado de Castro, the former location of the forum of *Aeminium* and the episcopal palace of Coimbra.

All these archaeological interventions, particularly the most recent ones, resulted in a unique wealth of information, based on an extensive repertoire of stratigraphic records (which need to be revised) and on the sheer volume of (generally unstudied) recovered materials. This study therefore addresses some research gaps, particularly concerning material culture, and the absence of a synthesis study of the monument's history. Thus, the study combines the universe of archaeological data gathered throughout the various interventions in order to review and extend our knowledge of the structural transformation of this heritage complex, from the original Roman forum of *Aeminium* to the late 16th-century episcopal palace.

The fusion of different platforms of analysis, which was conventionally designated as an urban archaeology essay, enabled the clarification of issues concerning the building and supports the architectural reconstitution proposals already presented.

The conclusion is, once again, that this historical document, alive and lived continuously during the last two millennia and where the past is present through its overlapping volumes, despite having been made, unmade and remade throughout this chronological frame, has never ceased to accommodate to its primordial root - the cryptoportico of *Aeminium*.

Keywords: *Aeminium* forum, Former Paço Episcopal de Coimbra, Urban archaeology, Origins and architectural transformations, Material culture.

FOREWORD

The present publication concerns the doctoral thesis titled “O Museu Nacional de Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco”, submitted to the University of Coimbra in March 2016. Its edition by the Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP) results from the honourable mention given to the thesis, in the scope of the 2017 Eduardo da Cunha Serrão Awards. I readily accepted the invitation of the AAP, which does me great honour and, moreover, is in accordance with the publication format that was most suited to the dissertation model. Like the previous editions of the *Monografias da AAP* series, the author was invited to present a bilingual synthesis of the dissertation and given the opportunity to attach the full text of the thesis in digital format, without alterations, cuts or other types of adulterations, which would otherwise be difficult to achieve nowadays.

The dissertation consists of two volumes. The first one is divided into four parts where the research methods, the data and the results are presented. The second volume includes a series of annexes, all the graphic and photographic information, the drawings of the materials, synthesis tables and the stratigraphic catalogue of the sondages carried out during the 2006-2008 field season. Given the limitations concerning the number of pages, in accordance with the guidelines for dissertations in the scope of the Bologna process, it was not possible to include some of the aforementioned images in the body of the thesis, as initially intended. Nevertheless, a number of graphs, tables or summary charts were included as, due to their importance, they are reading aids.

The following short printed supplement is a “part without a whole”. It aims to introduce the reader to the space where the research took place and to the subjects addressed, and immediately jumps onto the main results obtained. This synthesis does not include a presentation of the intricate and complex set of gathered data. Besides excluding the information pertaining to the stratigraphic packages, a choice was made to only briefly address a fundamental part of the work – the analysis of the archaeological remains. This decision was based on the extension and format of the proposed text model, and is mitigated by the fact that the dissemination plan developed so far has privileged the publication of the ceramic collections. Thus, the more interested readers should consult the digital annex.

1. INTRODUCTION

The Museu Nacional de Machado Castro (MNMC) is one of the most emblematic historic buildings of the city of Coimbra, famous for its broad and uninterrupted occupation

diachrony that extends over more than two millennia. Set in the heart of the original hill of Coimbra (Fig. 1), overlooking the Mondego River, it stands, even nowadays, on the cryptoportico of the forums of the ancient Roman city of *Aeminium*.

According to recent archaeological interventions, the construction of the first Roman forum and cryptoportico dates back to the principality of Augustus, at the beginning of the 1st century A.D. The location of the political, social and economic centre of the ancient *Aeminium* was subsequently reformulated and significantly expanded by the middle of the 1st century A.D., arguably under Emperor Claudius. The chosen location for the forum complex, at the central point of the urban nucleus (on steep slopes), involved the construction of a cryptoportico to provide a horizontal platform for the construction of the new buildings. The cryptoportico, consisting of two floors of vaulted galleries (**Figure 1, p. 41**), resisted the wear and tear of the times and the damage of men. Little remained in terms of the stratigraphic and architectural record of the period between the fall of the Roman Empire and the 11th century. However, it was here, after the final takeover of the city from the Muslims (already in the last decades of the 11th century), that the process that would result in the transformation of the site into an episcopal palace began. The official residence of the bishops of Coimbra remained here until the beginning of the 20th century when, after the advent of the Republic, the building was officially allocated for the installation of the Museum. Over the centuries, this worthy example of palatial architecture has been successively remodelled, becoming a large composite building that combines spaces built at different times, styles and scales.

Many archaeological interventions were carried out at this site since the 1930s. Initially, the focus was the excavation and conservation of the Roman cryptoportico. During a more recent phase, the interventions were related to the projected expansion and remodelling of the museum, concluded in 2009. All these archaeological field seasons, especially the last ones (2006-2008), resulted in an exceptional wealth of information, consisting of an extensive repertoire of stratigraphic recordings and interpretations (which needed to be reviewed) and a considerable amount of recovered remains (mainly ceramics), generally still unstudied. A part of this material is decontextualized. Another, more significant part constitutes a remarkable collection with a precise chronology that, with rare exceptions, extends from the 1st century to the end of the 16th century. However, apart from some marginal aspects, the archaeological research on the site converged almost exclusively on the study of the architecture of the Roman forum buildings and cryptoportico.

The research presented hereby is therefore both a reaction and an answer to the aforementioned research gaps, particularly concerning material culture and the absence of a synthesis study of the monument's history. Thus, this study combines the universe of archaeological data gathered throughout the various interventions carried out at the

site, in order to portray the current state of the knowledge of the structural transformation of this heritage complex, from the construction of the Roman forum of *Aeminium* to the late 16th-century episcopal palace. The chronological scope of the project is essentially related to the expressiveness and coherence of the analysed stratigraphic levels, which were practically obliterated from the archaeological record during the major restructuring of the palace, promoted by Bishop Dom Afonso de Castelo Branco and finished in 1592, through which the built space acquired, in broad terms, its current configuration.

Within the general and current framework, the movable heritage recovered from an archaeological context is seen as an integral and structuring part of cultural heritage. Therefore, it ought to be addressed with as much care as the enhancement and safeguarding of monuments and sites. In this sense, and given that knowledge of the material culture was clearly lacking in the context of the city of Coimbra, it soon became clear that the resolution of this problem depended on the substantial expansion of the current information platform.

In this study, and due to their eloquence (both in quantitative and chronological terms) and virtuality, ceramics were considered a paramount archaeological document, capable of boosting the recovery of aspects related to the occupation of this space and simultaneously filling significant gaps in the historical context of the city of Coimbra. The contexts from which the collection was recovered were mostly sealed and reliably dated, attesting to the continuous occupation of this space in the long period extending from the 1st to the 17th century.

The analysed material is assessed in parallel and according to the contexts of recovery that, in turn, support the determination and interpretation of the transformations of the buildings. In fact, and consequently, the study aimed at carrying out a synthesis study of the monument's history combining, in an integrated manner, all the available information resources gathered throughout the various archaeological interventions carried out in this space.

In order to meet the above referred objectives, a multi-phase plan was devised, essentially including actions relating to laboratory and office studies, complemented only by the extension of the sondage in the area of the former Romanesque church of St. João and the former Augustan forum, in 2011. The programme benefited from an initial stage that went beyond the mere bibliographical research and sought to gather diverse documentary material (notes, manuscripts, administrative processes and photographs) that would provide the historiographical framework for the various interventions carried out at the site. This was followed by the study of all the artefactual material unearthed at the space occupied by the MNMC, by means of inventory, description and graphic and photographic recording. The highlights of this process were the results from the analysis of the materials recovered during the most recent interventions (2006-2008),

mostly from sealed and reliably dated contexts. Finally, the crossing and overlapping of the various platforms of analysis and especially the combination of the study of the artefact lots with the recovered corpus of documental sources and remains, resulted in the present dissertation, which seeks to contribute, as comprehensively as possible, to the understanding of the experience, organization and spatial evolution of the site between the 1st century and the end of the 16th century.

2. THE HISTORY OF ARCHAEOLOGICAL RESEARCH IN THE MNMC: A SUMMARY OF THE INTERVENTIONS

2.1. The DGEMN intervention

It was under the patronage of the DGEMN that the first major project for the remodelling and adaptation of the monument to its museological function was carried out between 1930 and 1960. At this stage, archaeological research was associated with two major characters of Portuguese archaeology: Vergílio Correia and João M. Bairrão Oleiro. Although their spirit as researchers was harassed by the grandiose and intriguing construction of the cryptoportico, their intervention was not confined to this space, nor did they withdraw from following the ongoing works on the surface. In the words of V. Correia (1946: 43) “every time the ground is dug or the walls are stripped”, important architectural sections and archaeological remains from different eras were discovered. It is interesting at this point to itemize the main testimonies revealed in the wake of these works.

Taking charge of the museum in 1929, V. Correia announced an ambitious renovation and intervention programme, based on the redefinition of the museum’s museological trajectory, following a chronological exhibition logic and a rational discourse. It was under his administration that the building as a whole underwent its greatest transformation. However, the works showed respect for the “old topography” and care in the enhancement of the old architectural remains (Correia, 1944: 10; Correia and Gonçalves, 1947: 162). See, for example, the unblocking of the medieval door of the fence of the *Paço* (palace) – the so-called Mozarabic arch (Correia, 1944: 7; Correia, 1946: 59) – as well as the discovery of the south-western angle of the pre-Romanesque cloister of the church of St. João, in 1938 (Correia and Gonçalves, 1947: 37 and 160). Starting from this angle, the two cloistered galleries were partially rebuilt in their original location, reusing the architectural elements recovered during the works. The remains of the Romanesque temple were unveiled in the eastern wing (Ibid, 1947: 37). Part of the side walls, the western façade and the two columned pillars still remained, perpetuating the layout of the medieval building. In the present-day main courtyard, the excavations uncovered, in 1935-36, the graves of the medieval necropolis of St. João de Almedina (Almeida, 1946: 122). On the other hand, the construction of a pavilion in the northeast sector entailed the

destruction of the palace stables and the excavation of the “third courtyard of the building”, in the area of the “*almedinense* cloister yard” (Correia, 1944: 11). In 1936, in the cryptoportico, as the initial impetus slowed down, the unblocking of the upper floor was resumed in galleries A and B, underneath the northern wing of the building (Ibid.: 11).

After the death of Vergílio Correia, in 1944, António Nogueira Gonçalves, the new director, continued the DGEMN’s intervention plan and the south and west façades were rebuilt (Correia and Gonçalves, 1947: 162).

However, it was between 1955 and 1962 (under the administration of Luís Reis Santos), under the supervision of João Manuel Bairrão Oleiro, that the removal of debris from the top floor of the cryptoportico was resumed (and practically concluded) and the fallen vaults restored. At this stage, the most extensive works concerned the construction of the museum’s technical and administrative facilities in the north-eastern corner. Similarly, between 1965 and 1969, the northern and western flanks of the old inner courtyard were harmonised, through the obliteration of the neo-Manueline features of the late 19th century. This season was also marked by the relocation, in 1966, of the so-called *Capela do Tesoureiro* (from the convent of St. Domingos), which compromised part of the former 15th-century palace and originated circulation and conservation problems in the building.

Once the ambitious DGEMN cycle of works (which did not leave a single corner of the museum untouched) was completed, its goal was achieved in 1965, through the recognition of the classification as a national museum.

2.2. The 1990s decade works

The following years were marked, in archaeological terms, by some quietness, enjoyed in the organization and study of the collections and dissemination of the cryptoportico (Alarcão, 1971, Oleiro and Alarcão, 1973).

It was only in 1989 that the archaeological work on the lower floor of the cryptoportico was resumed, conducted on the field by António N. F. Tavares, under the guidance of Jorge de Alarcão. The 1959 field season was aimed at removing earth from the northern end of the area. However, at that time the intervention on the upper floor was privileged, in order to open that space to visitors; the galleries on the lower floor were converted into a deposit for the artistic heritage elements recovered from the works being carried out at the Cidade Universitária. The objective outlined in 1989 was clear - the opening of the lower floor to the public (Alarcão, 1990: 2). However, the intervention was undermined by the instability of the cryptoportico’s western façade and the space’s small size, crammed with remnants of the Alta’s demolitions. Despite these facts, at some points it was possible to characterise the nature of the landfills, to remove the post-abandonment levels from the seven central *cellae*, to reach the original Roman circulation level

and to test, for the first time, the landfills corresponding to the building's construction. However, the results of these works remained unpublished and the recovered materials unreviewed; little was added to the knowledge of the site after all. Thus, in order to clarify some aspects of the structural organisation of the cryptoportico, namely the configuration of the façades and the chronology of the construction, the excavations were resumed between 1992 and 1997, under the direction of Pedro Carvalho and the coordination of Jorge de Alarcão. This long cycle of systematic excavations was based on the principles of stratigraphy established by Harris (1989), which were afterwards applied throughout the subsequent interventions.

The tested area was organized in three sectors – A, B and C. In sector A, to the north of the old inner courtyard, the objective was defining the configuration and boundary of the northern façade of the Roman building (Carvalho, 1998: 25). The outstanding features of this sector were the levels dating from the time of the cryptoportico construction and the identification of an apse of the forum's basilica (Ibid.: 26-58). In sector B, in the old rooms with Manueline sculptures, the results helped to clarify the design of the west façade of the cryptoportico. The wall and the lighting and ventilation slits of the two westernmost *cellae* of the upper floor were identified; the *cellae* are recessed in relation to the extremities of the cryptoportico (Ibid.: 114-116). In addition to the Roman structures, the highlights on this sector were the discovery of a *taipa* wall associated with the initial occupation of the bishopric (Ibid.: 118, photo 31) and a vaulted corridor from a later period, which connected the episcopal palace to the western patio (Ibid.: 123-124; Cf. Pl. 27, sond. 7 and 9 – est. G). Finally, in sector C, at the southeast angle of the cryptoportico, under the old Renaissance room, the objective was clarifying the connection between gallery E (upper floor) and the southern façade of the building. Here, under the levels of abandonment/destruction of the forum (Ibid.: 128-130), a landing with two flights of stairs was identified; the stairs gave access the forum esplanade and the *cloaca maxima*, which runs along the outer wall of the gallery E (Ibid.: 131-133).

These interventions resulted in a first attempt at defining the planimetry and chronology of the construction of the forum, during the mid-1st century – the Claudian era (Ibid.). In addition, for the first time, the excavations were documented in a scientific manner and an exhaustive study of the remains was presented, although limited to the materials from the Roman period, from contemporary contexts or prior to the construction of the forum complex (Ibid.: 21).

The strategy implemented by Pedro Carvalho was gradually adapted to the remodelling works that were taking place simultaneously in the museum (Carvalho, 1998: 18). Thus, in 1992, when the southern façade of the palace was stripped, a door was discovered (**Figure 10, p. 50**) and assigned to the first episcopal building (probably from the end of the 11th century).

It should also be referred that, in spite of the successive improvements, in the 1990s, the areas were still insufficient and inadequate and the infrastructure did not meet the requirements of a modern museum. At this time, the museum's expansion programme was consolidated in terms of its structural and exhibition components. The required works were preceded and complemented by new and extensive archaeological interventions.

2.3. The 1998-2011 works

In order to outline the strategy of future archaeological interventions prior to the great works of requalification and expansion of the museum, a series of archaeological field seasons were undertaken between 1998 and 2003, in the adjacent area to the west of the building, in the old *logradouro* (an open space) of the episcopal palace and in the corner of Rua Borges Carneiro and the Beco das Condeixiras. Remarkably well preserved remains from the Roman era were unearthed, making it possible to essay the configuration of the urban grid of the city of *Aeminium* to the west of the forum and of the western façade of the Claudian cryptoportico (Carvalho *et alii*, 2010; Silva, 2011).

Between 2006 and 2008 I directed the archaeological monitoring of the execution phase of the project for the expansion and remodelling of the MNMC (Silva, 2013a), over an area of approximately 750 m²; the results contributed to the clarification of some issues regarding the transformation of the building. Thanks to the data thus obtained, it was possible to formulate an innovative proposal for the reconstitution of the cryptoportico and the Claudian forum. Moreover, some new remains were presented, which suggest the existence of a former, previously unknown Augustan forum, (Alarcão *et alii*, 2009). In 2011, and already as part of my doctoral project, the archaeological sondage carried out in 2008 in the central nave of the Romanesque church of St. João was extended; among other results, this extension reinforced the information on that first moment of construction of the *Aeminium* forum.

3. CONTEXTS AND INTERVENTION AREAS

In an attempt at structuring the extensive and unequal wealth of information and to allow for the effective contextualisation of all the data and recovered artefacts, combining the documentary record and stratigraphic description resulting from these interventions became a critical issue, in terms of understanding the organisation and evolution of the site and the building between the 1st century and the end of the 16th century. It should also be mentioned that the area of archaeological intervention within the scope of the recent remodelling and expansion of the MNMC's facilities had been significantly extended, covering the entire surface of the site (Figure 2, p. 42). This allowed not only to revisit, but also to work directly in all areas of interest of the monument, thus clarifying several

open issues related to the building while simultaneously fostering the synthesis study in terms of its temporal crossover. Therefore, the overall analysis of the interventions, as well as the inventory, description and stratigraphic interpretation were based on the results of the 2006/2008 seasons. Afterwards, data from previous interventions were cross-checked, in order to review and update the pre-existing discourses in the light of new information.

As this is a vast space that condenses different realities and action horizons and in order to facilitate the understanding and reading of the different stratigraphic packages, I chose to present the results by areas of intervention (see **Table 1, p. 40**). Thus, the studied space was divided into three major sectors – cryptoportico, upper platform and western urban block. These sectors were in turn divided into specific areas (**Figure 2, p. 42**). As a result, the cryptoportico was divided into three areas: the upper and lower floors and the south wing. The upper platform corresponds to the MNMC facilities that occupy the surface of the old *Aeminium* forum (**Figure 1, p. 41**). Here, the location of the salvage excavation (2006/2008) was determined by external factors inherent to the construction works; for the sake of analysis, this space was subdivided into four distinct areas – west, central, northeast and east (**Figure 2, p. 42**). The first area corresponds to the space delimited to the west by the 15th-century *loggia* (sector C – area II). The central area resembles the space of the original square and basilica of the Roman forum, from the middle of the 1st century (sector C – area III). The northeast area is located around the Capela do Tesoureiro, bypassing the main altar of the present-day church of St. João de Almedina (sector D – area I). Lastly, the east area includes the remains of the old Romanesque church of St. João de Almedina and its cloister (sector D – area II).

Finally, the expansion of the museum's facilities to the west involved extensive archaeological interventions in the area of the old *logradouro* of the episcopal palace (sector B) and in a vacant space located in a corner near the intersection of Rua Borges Carneiro and Beco das Condeixeiros (sector A) (**Figure 2, p. 42**).

4. THE ARCHAEOLOGICAL REMAINS

The MNMC holds a vast and heterogeneous collection of archaeological materials of various origins, which were incompletely inventoried and not always adequately identified. Taking into account that no reports were produced during the first years of archaeological activity in the museum and that the main pieces are casual finds, the gathered fragments are unique and fundamental pieces in the effort of approaching the history of the building. Thus, and as far as the archaeological collection included in the museum reserves is concerned, it was important to analyse those pieces of undeniable and confirmed local provenance. The preliminary work already carried out is comparable, in a

way, to an “excavation” of the museum’s reserves and document collection. This process included the identification of the pieces described in the various inventory books, old catalogues, notebooks, diaries, notes, correspondence and even in labels, entries and old photos, the reconstitution of the incorporations and the corresponding determination of provenance, as well as assembling and describing the various artefact lots.

If, on one hand, the information thus produced is indeed relevant for the clarification of some dubious references and to consolidate some aspects of the history of the collections and even of the building, on the other hand this effort has not resulted in any considerable increase in the number of unpublished pieces or sets. In fact, the central nucleus of the archaeological collection addressed in this study is the result of recent interventions, i.e. from perfectly identified, sealed and dated contexts. To sum up, there was an interesting and numerous set of movable objects that proved the continued occupation of the site from the 1st century to the end of the 16th century. One of the most striking aspects is the diversity of the collection, comprising ceramic objects, sculptures, architectural elements, coins, glass, metal or bone artefacts, human and faunal osteological remains, among others, which had been given unequal attention in previous studies. The preference given to the analysis of Roman or medieval sculptural and architectural objects over other items is evident (Gonçalves, 2007; Real, 1974; Souza, 1990). In these specific cases, our actions were limited to correcting some provenance references, updating the corpus and occasionally essaying new contextual readings of the collection as a whole. The lack of research dedicated to the remaining groups (some of which were even completely forgotten), their quantity and diversity, but above all the broad scope of the problematics and the specific domains of some areas of specialisation required the establishment of several collaborations in the scope of transversal and interdisciplinary projects¹. Thus, it was possible to analyse this collection without compromising the resources required for the study of the various ceramic lots that were given preference and priority. Ceramics, due to their quantitative expression, recurrence, good contexts of recovery and because they mirror a broad and continuous diachronic spectrum, required another type of diligence, as ceramics generally offer *a priori* guarantees of success in the acquisition of crucial information for the reading of some stratigraphic contexts and, consequently, of the origins and architectural evolution of the various built spaces. Furthermore, the study of ceramics provided decisive contributions to filling many of the

¹ I would like to point out the collaboration with the Laboratório Hércules in Évora (Mirão *et alii*, 2015). The study of faunal remains was performed by Cleia Detry and the study of human osteological remains is still under way, coordinated by Ana Maria Silva (University of Coimbra). Moreover, the glass materials were studied by Teresa Medici (2014) and Luís Fareira (2014) took over the study of the metal, bone or glass paste finds. The numismatic study was included on the catalogue of the entire collection of coins held by the MNMC and was carried out in collaboration with Isabel Pereira, Teófilo Silva and António Pacheco (Pereira *et alii*, in press).

knowledge gaps in the corresponding typological reference frameworks, with echoes in the supra-local or regional contexts.

4.1. Ceramics

As mentioned above, ceramics, due to their variety, abundance and widespread use, were considered, in this essay, as the fundamental archaeological document that would allow recovering the occupation history of this space, while bridging remarkable gaps in the historical context of the city of Coimbra. Nevertheless, at the beginning of our study it was the most poorly known material category. Only the Roman ceramic collection unearthed in 1992-1997 (Carvalho, 1998) was ever properly examined.

Overcoming this precarious situation therefore entailed a substantial expansion of the current knowledge platform. Thus, the programme largely focused on the study of the formidable ceramic collection gathered over the years, with particular emphasis on the items recovered during the salvage interventions (2000/2008).

For this reason, it was necessary to define a typological-functional framework, combining the pieces within their corresponding archaeological contexts. The description of this process can be found on the digital version of the thesis along with the detailed characterization of the different lots (pre-Roman, Roman, medieval and modern – 15th/16th century); only the main results are included herein. We will consequently focus only on the last three lots, the more representative ones. Regarding pre-Roman ceramics it is nevertheless important to mention that it was rather interesting to be able to shed some light on a distant archaeological horizon, set between the 3rd and the 2nd millennium B.C., and to give more consistency to the spectrum of material culture associated with the Iron Age occupation of Coimbra, even if this does not imply a revolution in the current interpretive framework (Almeida, Silva and Vilaça, 2015). In this case, it is also worth mentioning the occurrence of a segment within the identified ceramic productions in which it is possible to find evidence, for the first time in Coimbra, of the site's occupation during the transition period between the 1st and 2nd Iron Ages (6th – 5th centuries B.C.).

4.1.1. Roman ceramics – the more relevant data

In addition to the lots from the Augustan and Claudian contexts (Silva, Fernández and Carvalho, 2018a and 2018b), the presence in Coimbra – and specifically in the MNMC – of materials dating from Late Antiquity (including some from the Eastern Mediterranean) should be highlighted. This particular segment shows the existence of a sequence of continuous occupation between the second half of the 4th century and the beginning of the 6th century. Thus, the previously existing lack of archaeological information was the result of a lack of research, as the presence of these products has indeed been confirmed here (in a city that hosted the bishop of *Conimbriga* by the end of the 6th century). From

now on, these late materials from *Aeminium* show that the presence of fine ware and late amphorae of Mediterranean production in *Conimbriga* should not be taken as a *unicum* in the region, but as an historical falsehood resulting from the lack of specialized studies on this chronological scope. This first study of the late contexts of *Aeminium* proves, therefore, that these pieces circulated beyond *Conimbriga* and throughout the Late Antiquity, thus inscribing this episcopal city in the wide commercial circuits of that period.

In addition to the presence of North African and oriental imported materials in the region of *Conimbriga*, the importance of fine ware of regional production, mentioned in the bibliography on *Conimbriga* as *cerâmica alaranjada fina* (late Roman) (Alarcão, 1974: 103), Avelar ceramics (Ibid.: 109) or local imitations of *terra sigillata* (TS) *clara D* (Delgado *et alii*, 1975: 271), should be highlighted as well. The present thesis and other recent studies (Fernández Fernández and Morais, 2012) thus seem to bear testimony to the hegemony of this type of production in regional fine ware markets, surpassing African TS and Late (?) Hispanic TS between the mid-4th century and the early decades of the 5th century. This is a curious phenomenon, since, unlike other regional productions imitating African and Hispanic *sigillatas* (such as TS *Bracaraense Tardia vermelha* or DSP, etc.), the production phase of fine orange ware overlaps the period of greater imports of African ware into the Atlantic markets, i.e. between c. 350 and c. 425/30 (Fernández Fernández, 2014); the production of fine orange ware ended at the beginning of the 5th century. Other imitations, such as the red TSBT, continued and their production increased during the second and third quarters of the 5th century, coinciding with the decrease in African imports. The study of these contexts from the *Aeminium* forum thus highlights the local relevance of these productions (fine orange), as well as the production of common calcitic ware, and is of great interest for the understanding of the internal trade dynamics of this territory. On the other hand, these materials are important chronological elements, helping to accurately date contexts where imports are not present, such as those identified in the church of St. João.

To sum up, there is presently no doubt that, in addition to the levels of the 4th and 5th centuries, the MNMC space also features later horizons, dating back to the late 5th/early 6th century and relatable, in turn, to constructive modifications of the forum space. The conclusive evidence is the presence of Phocian ware recovered from the cryptoportico landfills as well as from the levels of abandonment and infilling of the fountain adjoined to the main façade of the *Aeminium* forum.

4.1.2. Medieval ceramics: synthesis, periodization and evolution

The history of the city of Coimbra between the 8th and 11th centuries is closely linked to the struggle between Christians and Muslims for the conquest and domination of the western strip of the Iberian Peninsula. This situation is due to the fact that the city is

located at the northern end of the *Gharb al-Andalus*, right on the border line between those two forces. Apart from being a chronicle of advances and setbacks, this is a record made of suspensions, but also of mergers and some hybridism. The city was taken over by Muslims in 714/715, reconquered by Christians in 878, again taken over by Islamic forces in 987 and finally, in 1064, definitively recovered for Christian rule. By this time the *Condado de Coimbra* was integrated in the kingdom of León. The reality of Coimbra during these three and a half centuries, on which there is but scarce and sparse information, is a complex and socially composite one. On one hand, under Islamic rule the population was mainly Christian or Mozarabic. On the other hand, although the Islamic presence in the city would not have been continuous, unlike other cities in the south of the country, it was certainly significant for the construction of its cultural synthesis, ultimately transposed into the ceramics that are presented herein. In view of the above, the difficulties experienced in consciously assigning a strict chronology to the lots under analysis, from the 11th century onwards, should not be concealed (Silva, 2014 and 2015). In relation to the latter, and although the search for formal parallels has not yet been exhausted, there is some inconsistency in the few morphological analogies established with the known material from geographically closer contexts, with which, theoretically, there should be greater affinity, probably due to the socio-political and cultural complexity of the city of Coimbra throughout the high-medieval period. However, it is possible to put forward some general lines of thought, especially in terms of the patterns of permanence or collapse of trends throughout this time frame (9th to 13th centuries).

Firstly, and across all lots, there is a contrasting trend in terms of formal representativeness with regard to the proportion of open and closed forms, potentially justified by gastronomic customs and food consumption habits. In general, there is a formal monotony, with closed containers predominating over open containers, while tableware is almost non-existent. Another evident aspect until the end of the 11th century is the fact that white painting is one of the dominant decorative modalities, along with the application of plastic cordons, incisions and punctures on the handles. Sometimes, two or more of these techniques are combined in the same piece. Two other aspects should also be mentioned with regard to these contexts (until the end of the 11th century): the presence of forms that reproduce archaic models and the total absence of glazed pieces and with partial or total *cuerda seca* ("dry cord") green-and-manganese decoration, and even of simple paintings in red or black, as opposed to other nearby contexts (Catarino *et alii*, 2009). During this period there was a coexistence of forms and aesthetic orientations of late Roman / Visigothic tradition with others of clearly Islamic nature (essentially recognizable in the adoption of innovative forms and themes, such as some types of *cântaros* (water jugs) with white-painted surfaces). In addition, while some pieces are affiliated to the Christian culture of northwestern Iberia, others are rooted in southern Islamic traditions.

The ceramics from levels dated to the 12th century (and to the transition into the 13th century) reveal some indicators that do not suggest a total rupture with the previous reality, but rather the beginning of a change, in line with what was observed in nearby lots (Almeida and Temudo, 2015). First of all, the formal monotony was reinforced. The *cântaros*, once predominant along with pots and jars, began to lose importance and so did one of the particularities that accompanied and characterized them – the white painting. If painting used to be a dominant decoration, it became a residual one, but the percentage of incised or *golpeadas* handles and the applied plastic cordons remained stable. At the same time one can see the appearance of some forms and types such as *alguidares* (basins) with disc-shaped bases, typical of the northern world since the 10th/11th century, and the occasional introduction of some imports from the southern world such as glazed ware. In other words, without completely closing its doors on the southern world, it seems that from the 12th century onwards Coimbra definitively started to gravitate around the influences of the Christian world.

It should be noted that these conclusions are only anchored in the study of this particular collection. These lines of study cannot be taken as definitive until the analysis is extended to other coetaneous lots. In fact, in archaeological sites with extensive occupational diachronies, and in a city such as Coimbra, situated on a frontier line of imprecise loyalties, with advances and setbacks and where Christian or Mozarabic and Berber or Muslim populations coexist, it is difficult to define these contexts through material culture only. In a way, high-medieval Coimbra is a centre of confluence of these two influences where tastes and tendencies are assimilated, and where the rhythm of the evolution of everyday material culture does not immediately follow the political and religious changes, remaining unscathed and stable in its cultural synthesis, not particularly open to sudden changes and only gradually adapting new tastes and “fashions”.

4.1.3. Modern Age ceramics: the ceramic tableware from the Paço Episcopal de Coimbra during the 15th and 16th centuries

The studied collection dating from this period essentially covers the 15th and 16th century tableware and kitchenware from the Paço Episcopal de Coimbra. An exhaustive bibliographical research led to the conclusion that most of the recorded types were not identified in other reference sites. This suggests that many of these morphological variations are the result of local or regional production, although only further studies can confirm or infirm this idea. However, there is a slight chronological discrepancy regarding some of the main reference lots, such as those from Aveiro (Alves *et alii*, 1998; Carvalho and Bettencourt, 2013) or the Barreiro potteries. We look forward to the new radiocarbon analyses from Ria Aveiro A, required by the inconsistencies of the first results (Carvalho and Bettencourt, 2013: 742-743), which indicate a mid-15th century shipwreck (Alves

et alii, 1998: 185). The Mata da Machada (Barreiro) kiln features a chronology between the 2nd half of the 15th century and the 1st half of the following century (1450-1530 -Torres, s/d: 4) and has been regarded as an exceptional case. Actually, this is the only Portuguese archaeological site bearing evidence for the production of faience before the middle of the 16th century. Yet another noteworthy fact, from a chronological point of view, is the harmonious synchrony with the dates proposed for Lisbon (Gaspar *et alii*, 2009), where glazed ware and faience productions are absent until the third quarter of the 16th century, as in Coimbra (Gaspar and Gomes, 2013: 722).

In generic terms, it is possible to observe that the forms identified in the 15th-century levels (Phases 1 and 2) denote a certain formal conservatism and the use of a restricted range of wares. By contrast, the second half of the 16th century (Phase 4) saw a definitive break with this reality, with the emergence of new typological groups covering a diverse and unprecedented range of productions. This transition is not entirely abrupt; the first half of the 16th century seems to have been only a temporary phase in the evolutionary chain of the period under analysis. During this phase (Phase 3), the most archaic profiles so typical of Phases 1 and 2, which are still predominant, were combined; at the same time, the new types and productions that will characterise the subsequent phase were just starting to emerge.

On the other hand, during the 15th century and the transition to the 16th century, one can observe the coexistence of long-lived forms, which may date back to the 12th and 13th centuries, with other forms showing innovative characteristics. In this sense, and as in the high-medieval period, there is also a contrasting trend in terms of formal diversity with regard to the proportion of open (scarce) and closed (predominant) forms, potentially justified by gastronomic customs and food consumption habits. The cookbook authored by *Infanta Dona Maria* (1538-1577), with a *terminus ad quem* at the turn of the 15th to the 16th centuries, clearly shows the persistence of many medieval characteristics in Portuguese cuisine (Gomes, 1996: 94). This immutability of taste may, in our view, partly explain the formal continuity of the vessels, many of them dating back to the African Almohad period (end of the 12th – 13th centuries). However, other circumstances may justify the disproportionate representation or even the absence of some forms. If we take into consideration, for example, the 1507 inventory of the possessions of *Infanta Dona Beatriz* (the mother of Dom Manuel), we can deduce that most of the kitchen utensils from a rich house would be made of metal (Arnaut, 2000: 44-45). The same can be said about tableware, which included silver and *pau* (wooden) objects (Ibid., 62-65). Likewise, when we look at the *Infanta Dona Maria's* Book of Cooking, we see that ceramic objects are always a minority when compared to metal objects (Gomes, 1996: 104). Certainly, the quantity and quality of ware and utensils varies according to the social group that holds the objects. Ceramics, just like metal or clothing, are indicators of a society's

level of technological development but also of its economic capacity. Obviously, other elements were used along with ceramics: objects made of metal (noble or not), glass, and wood, among others. Therefore, trying to reproduce this reality based on archaeological remains alone is just not feasible.

To sum up, some of the patterns observed so far change drastically from the middle of the 16th century onwards (Phase 4). The diversity and quantity of this lot is such that it is possible to document, with rare exceptions, the entire formal repertoire of the everyday ceramic ware of this epoch. The more archaic models disappeared as new productions emerged and motivated the appearance of new predominating forms. These new productions played a decisive diversifying role, particularly as far as tableware is concerned. Moreover, I would highlight the introduction of with-glazed pastes (Silva, 2018) and faience, which become part of the crockery used in the consumption of solid and semi-solid foods, but also the *aguada* (slip) ceramics and the fine ware series (burnished, moulded and *empedradas*, i.e. decorated with white quartz inclusions on the surface) used as drinking vessels (Silva, 2013b). The latter are probably related to the diffusion, among all social classes, of the preferential use of “humble” clay vessels to savour the water (Carvalho, 1921; Vasconcellos, 1921: 12-13).

The wide range of crockery that characterises the final phase of the 16th century is indicative of a certain refinement of table manners, as evidenced by the presence of elegant ceramic pieces with an elaborate profile that were not known before. Kings Dom João III (in 1550) and Dom Sebastião (in 1570) stayed at the episcopal residence of Coimbra (Pacheco, 2009: 356). The *Paço* should therefore have not only the required comforts, but also a set of utensils and tableware capable of meeting the standards of such distinguished guests.

Considering its dating, it is likely that the period of use of the lot recovered from the levels assigned to Phase 4 coincides with the prelature of Dom Manuel de Meneses, the predecessor of Dom Afonso de Castelo Branco who took office in 1585. Curiously, however, the inventory of the bishop’s movable belongings, written in 1578 (Dias, 2002), right after his death in the battle of Alcácer-Quibir where he went as *enfermeiro-mor* (chief nurse) of Dom Sebastião, does not mention the ceramic ware that should certainly exist at the *Paço*. It is true, as Pedro Dias mentions (2002: 353), that this inventory is not very rigorous, and no reference is made to the liturgical implements, paintings or imagery that would inevitably belong to his private chapel. On the other hand, Dom Manuel de Meneses, who would have been accompanied by his entourage in the said campaign, would have taken with him tents, tapestries, furniture, tableware, his jewels, etc., which, due to the catastrophic result of the battle, would not have returned to Coimbra (Ibid.: 354). However, it is very unlikely that the bishop and his entourage would have taken the *Paço* ceramic ware with them. Furthermore, it should be noted that the inventory

includes various copper and brass items (pans, basins, funnels, cauldrons) (Ibid.: 377). The only reference to crockery pertains to the presence of porcelain – “*hua porcelana muito grande*” (Ibid.: 377). Thus, the total omission of references to ceramic ware, which includes other imported and so-called fine ceramic pieces, is a cause for some perplexity. However, this is a situation also found in similar documents, such as the inventory of the possessions of Dona Beatriz (Arnaut, 2000: 44-45 and 62-65), which shows that, in a wealthy house, and although indispensable, ceramics would have a low value or be easily replaceable. This aspect stands in clear contrast with the attention we have paid to ceramics and with its present-day relevance.

The exceptional character of this collection and its contextual uniqueness in the historical framework of the city of Coimbra, marked by considerable gaps that this repertoire allows to bridge, converts it into a reference collection of local and regional relevance. In this sense, it is hoped that this essay will help to deepen the knowledge of material culture, in particular of the 15th- and 16th-centuries common ceramic tableware from the communities of the Coimbra region, which stand in contrast with other, more widely studied areas.

5. ORIGINS AND ARCHITECTURAL EVOLUTION: FROM THE AUGUSTAN FORUM TO THE EPISCOPAL PALACE OF AFONSO DE CASTELO BRANCO (CONFIGURATION AND RECONSTITUTION OF SOME SPACES)

5.1. Roman epoch

5.1.1. Augustan forum and cryptoportico

Aeminium was granted *civitas* status by Emperor Augustus (27 B.C. – 14 A.D.) who, having established the limits of the province of Lusitania and installed its capital in Mérida, reorganized the latter from the political and administrative point of view. This situation suggested that a forum complex would have been built for the new *civitas* capital by the same time. However, the excavations carried out by Pedro Carvalho in the 1990s (Carvalho, 1998) unequivocally indicated that the construction of the cryptoportico and forum of *Aeminium* only took place from the middle of the 1st century AD onwards, probably at the time of Emperor Claudius. The results of the intervention carried out inside the Romanesque church of St. João (sector D-II) clarified this issue, to a large extent. In fact, the stratigraphic reading of this site is clear and allows us to recognize the existence of two distinct phases of construction: one from the beginning and another from the middle of the 1st century AD. Bases and shafts of broken Roman columns were recovered from the latter level, at a lower elevation than the floor of the Claudian forum, and therefore associated with a previous public building (forum?), demolished (at least partially) when the Claudian forum was built. This observation enabled a reassessment of the chronol-

ogy of gallery F (the easternmost) of the cryptoportico's upper floor, whose lighting and ventilation slits, located on the eastern wall (Figure 4, p. 44), would have been closed by the Claudian reformulation. The constructive discrepancies of this gallery, namely the upper width and the slightly depressed vault, suggested that it might correspond to a pre-existing building. Moreover, the *opus quadratum* construction technique of the Claudian building is clearly different from the walls of gallery F, built using smaller stones (Figure 7, p. 47). Yet another detail is the use of sandstone in the passages that exist in this gallery and in the SE corner of the cryptoportico. This type of stone was not used in the Claudian works, so the construction material is also an aid for the interpretation of the monument and for distinguishing its two constructive phases in other spots where sandstone was identified. Likewise, some details were always visible, namely in the SE corner of the upper floor, which showed the presence of two distinct and overlapping construction interfaces. But the chronology of these two phases could only be determined after the analysis of the intervention carried out in the church of St. João.

Considering the above, it seems plausible that there was an earlier cryptoportico on the eastern side (consisting, *grosso modo*, of gallery F) that the Claudian works incorporated instead of destroying it (Figure 7, p. 47). It could be accessed directly from the street through an entrance located to the south. The five vaulted passages on the western wall would probably give access to an exterior, terraced walkway (Figure 3, p. 43). The opposite wall featured nine slits located slightly above the level of the public square of the forum complex. Thus, there are clues that support the existence of an earlier forum, but these indications are insufficient to propose a complete and entirely reliable reconstitution. Actually, we know little more beyond the possibility that there was an earlier construction, on the western side, that would have been built upon a first cryptoportico, which could have supported the colonnade of a portico² (Figure 3, p. 43).

First of all, there is no reliable information to determine the size of the square. The hypothetical dimensions (Figure 3, p. 43 and Figure 9, p. 49) are based on the natural topography of the terrain and on the positioning of the *cardus*, which would have hardly allowed for a wider monument. The eastern side slits are shaped like isosceles trapezoids, but the first one on the southern side and the last one on the northern side are rectangular trapezoids. The difference might be justified by the existence of walls (hypothetically represented in figure 3, p. 43), which would support the possibility of the existence of buildings both on the northern fringe and on the southern strip (basilica and *tabernae*?), but no traces of such buildings were found so far. Until now, only the in-

² As indicated by the analysis of one of the referred column bases with lateral notches for the placement of a gate, i. e. they would belong to a portico that, being situated at considerable height above the surrounding ground, would need that kind of protection. (Figure 3, p. 43).

tervention carried out in the church of St. João has revealed what should be interpreted as the foundation level of the pavement of the original Augustan forum square, where two circular negatives were identified (aligned to c. 2m) as well as a third, quadrangular negative of difficult interpretation, which could be related to the arrangement of architectural elements (columns) or sculptures (base of statue).

Lastly, it should be stressed that this reinterpretation of the forum's constructive phases does account for the fact that the sewage system crosses the monument (south wing of the cryptoportico). In fact, there is a difference in the morphology of the *cloaca maxima* that could bear evidence to two distinct construction moments. The alignment of the Augustan vaulted *cloaca* was adopted and maintained at the time of Claudius. A new and robust sewage system was constructed (**Figure 9, p. 49**), which extends under the entire intervention area and even under the adjacent block to the west, in the scope of a broader urban reform, associated with the restructuring of the layout of the city's *decumanus*.

5.1.2. Claudian forum and cryptoportico

In Claudius' time, a new forum was built in the same area. According to the available data this new monument seems to have integrated and reformulated the space of the old forum. The shattered columns identified in the sondages carried out in the church of St. João suggest that the Augustan forum would have been destroyed. Its cryptoportico was integrated into a much larger and more complex one, consistent with what is preserved nowadays. The slits on the eastern side of the Augustan cryptoportico were closed and the space of its public square was raised. The configuration of this area of the Claudian forum, which overlays the space of the former Augustan public square, remains so far unknown. On the north side (northeast area) the excavations unveiled two small squarish compartments with *opus signinum* pavements, which may correspond to the floors of two small *tabernae*. The available data are too scarce to outline any design. For now, we imagine that this *terreiro* (yard) was occupied, to the north and to the south, by *tabernae* preceded by a portico.

To recapitulate what was said above, this extension, dating from the middle of the 1st century, is situated over the area to the west of the original forum, in steep terrain. This situation also entailed the expansion of the cryptoportico, which at the lowest point of the slope features two floors of galleries, so that the buildings of the new forum complex could be erected on top this artificial platform. This cryptoportico remained practically intact, except for the west façade that collapsed and some vaulted sections restored by the DGEMN. Few changes are added hereby to the layout proposed in the first publications dealing with the monument (Oleiro, 1955-56; Oleiro and Alarcão, 1973). The novelties result from the clarification of details that remained hidden until the most re-

cent excavations. In fact, on the lower floor of the cryptoportico (**Figure 4, p. 44**) it was possible to clarify how the circulation was organized between the long vaulted gallery with a north-south axis (which led to seven *cellae*) and the landings located at its extremities. After a first stretch of flat pavement, the floor would slope down to the floor height of the *cellae*. The dismantling of the houses adjacent to the cryptoportico also allowed probing how the vaults of the longitudinal gallery would be combined with the vaults of the *cellae*, whose axes are perpendicular to the gallery. It is admissible that the vault of the south-north gallery had its closure at a level immediately below the start of the vault of the *cellae*, as if there was a slight “penetration” of the former into the latter (**Figure 6, p. 46**).

On the upper floor (**Figure 4, p. 44**), the integration of the eastern gallery (Augustan) into the new construction required more ingenuity on the part of the architect. There is a unique use of brick in the angles of the vault of the interior gallery C, at the spot where the two constructions are joined. Apart from the angles, the work is made of masonry, using plenty of lime mortar. There are some very clear examples that demonstrate the care behind this construction despite the irregularity and variability of solutions in terms of the building technique of some walls and vaults. For example, the presence of stone “markers” in the vaults, which were built first to reinforce and simultaneously guide the construction of the intermediate sections. Or, for another example, the vaults of the upper floor *cellae*, where large limestone voussoirs can be observed on the side of the slits, which would guarantee greater solidity, even though the remaining body is made of *opus caementicium*. Little can be added to the layout that has been presented in previous publications. In this regard, I would refer to the clarification of some of the issues that still persisted about the western area. For example, the lower gallery (G), located in front of the seven *cellae* that connect the two branches of the upper floor, would not be a circulating space. Instead, it would support the lowered balcony and the western portico of the forum.

On the south wing of the cryptoportico, the new excavations uncovered robust walls perpendicular to the façade of the building that sort of form four “compartments” (**Figure 7, p. 47**) not connected with each other, with the upper floor or with the exterior and which were landfilled at the time of their construction and would simply fulfil a structural function (internal buttresses).

Excepting the remains of the running balcony on the western façade, no other remains belonging to this public square have survived the wear and tear of almost two millennia. However, the complete preservation of the cryptoportico and other foundation remains, namely the basilica’s foundations, allowed for the reasonably reliable reconstitution of the ground plan of this part of the forum (**Figure 5, p. 45**). The new forum was structured in accordance with the presence of a basilica with an axial apse, located

on the northern side, where the most important official acts – administrative and legal – would take place, in the corresponding premises of the basilica. On the southern side, the function of the known spaces is unclear. Between the two wings stood the porticoed public square overlooking the landscape, with the Mondego River in the background.

As previously referred, there were few architectural elements available to reconstitute the elevations of the mid-1st century forum. Even so, taking into account the thickness of the foundations³, from which we can deduce proportions based on the simple relations of quarters and halves, and the presence of fragments of ionic chapters with two different modules (one smaller than the other), a first reconstructive hypothesis was presented (Alarcão *et alii*, 2009) based on the existence of a two-story portico, which surrounded the square on three sides (**Figure 6, p. 46**). This initial effort should now be contrasted and complemented with the information provided by the analysis of the new architectural elements that have since been identified as finds recovered from the area of the old forum. This will be one of the priorities of the subsequent study programme. However, the preliminary analysis of these architectural elements (already initiated under the coordination of Pierre André) indicates that there should be no major changes of the previous plan, in structural and stylistic terms. This statement validates the proposal and authorizes us to refer to it, but we do not need to reproduce it here because it has already been duly published. It is perhaps important to underline that the placement of the basilica to the north and of a large room to the south (**Figure 5, p. 45**) is confirmed by the position of the foundations unearthed during the various archaeological interventions. In fact, the most recent field season (in the central area) allowed to identify the position of the base of the basilica's porticos. The integral excavation of the west area uncovered the portico on the western side of the square, whose floor is about 1.20 m lower than the forum square (**Figure 6, p. 46**). If the reconstitutions of the southern, northern and eastern outer façades presented in the above referred paper (*Ibid.*: 47, fig. 22; 48, fig. 23; 88, fig. 65) are merely conjectural, the basis of the design of the western outer elevation of the building is based on structural evidence that is partially preserved. This monumental western façade would rise (according to its reconstitution) about 29 m from the ground, being crowned by two hollow floors with a running arcade of eleven arches (**Figure 6, p. 46**). Despite the substantive weight of the subsequent interventions, it is curious to see how, in general, the layout of the 15th-century loggia was guided by the general lines adopted during the first operation of architectural rationalization of this space. Certainly by mere coincidence, because nothing indicates that it was done in the context of a purposeful return to the classic models that would have been so dear to the spirit of this period.

³ The thickness of the walls of the cryptoportico is 1.62 m; this measure was used as a divisible and operative module.

5.1.3. The urban grid to the west of the forum complex

As a result of the archaeological interventions carried out in the adjacent block to the west of the *Aeminium* forum, the most monumental façade of this complex was profiled and inferences were made concerning the composition of the local urban grid. As mentioned before, the urban renewal of the western quarter was arguably motivated by the expansion of the forum in the middle of the 1st century AD; one of the main features of this renewal is the planning of one of the city's main circulation axes – the *decumanus maximus*. As demonstrated, at the beginning of the 1st century A.D. the space delimited by the corner of the Beco das Condeixeiros (Sector A) was probably reserved for a service area that bordered the *decumanus maximus*, where the structures of a probable *fullonica* were identified (**Figure 8, p. 48** and **Figure 9, p. 49**). The archaeological remnants of this type of factory spaces from the Roman period are complex and difficult to analyse. There is little information about the presence of such manufacturing facilities in the territory of ancient Hispania, probably because they have not been correctly identified. As previously referred, the above mentioned interpretation of the remains as a *fullonica* is worthy of consideration but uncertain. However, between what is possible and the reasonable doubt I would deem it plausible.

Regardless of its functionality, this building erected during the Augustan period would only have functioned for a few decades, as it was dismantled in the middle of the 1st century A.D., due to the requirements of the city's urban renewal project. In this particular area of the city, one of the consequences of this project was the destruction of a number of buildings in order to free enough space for one of the city's main circulation axes. The stratigraphic sequence associated with this particular moment does not seem to leave much room for doubt: the main sanitation system and the building with a porticoed façade erected along this section of the *decumanus* (**Figure 8, p. 48**) would have been constructed simultaneously, as a result of the same urban plan for the city, in which the forum would also be integrated. In fact, it was the resizing of the forum complex during the principate of Claudius that originated such deep transformations. Its expansion to the west determined the reorientation of the *decumanus maximus* (**Figure 9, p. 49**), which in this stretch is aligned with the axis of the new forum, and then surrounds it on its southern side. It thus purposefully became a broken line.

There probably was a small square beside the west façade of the forum, facing the public fountain that was found adorsed to the base of that façade⁴ (**Figure 8, p. 48**). The wide street (c. 6,5 m), flanked by a porticoed belt, as well as the open space of

⁴ In *Hispania*, the existence of fountains and *nymphaea* at the *fora* (sometimes adorsed to the façades) is documented, namely at *Baelo* (Ponsich, 1974: 21-39) and *Valeria* (Fuentes Domínguez, 1987: 70); both cities also feature Claudian reforms.

the square, would eventually contribute to freeing and projecting even more the west façade of the forum, thus reinforcing its monumentality.

On this side of the city, the *decumanus* ran over the *cloaca maxima* and followed its course towards the Mondego River. Downhill, other *cloacae* would flow into this main sewer; their direction could in turn reveal the layout of the streets that ran perpendicular to the *decumanus*. By measuring the distance between these branches, a value around 31.70 m, i.e. about half the length of the forum (= 62 m), is obtained. In fact, this value could constitute the standard size of the *insulae*, which marked the rhythm of the Roman city's dimensions and the design of other large public buildings. However, the resulting urban layout would be far from regular, given the unavoidable constraint of *Aeminium's* topographic base, essentially marked by steep slopes.

The possibility of carrying out an intervention in the southern block of the present-day Rua Borges Carneiro, whose buildings are virtually ruined and degrading at a fast pace, is eagerly awaited. This would be the only way of combining these fragments of memory and refining the image or configuration of all this space during Roman times.

5.2. The medieval and modern epochs

5.2.1. From the abandonment of the forum to the foundation of the Paço Episcopal

In terms of architectural and archaeological evidence and even as far as the historiographical record is concerned, little was left from the period between the abandonment of the forum complex and the foundation of the episcopal palace. In this regard, one of the highlights is the set of materials dating from Late Antiquity that are presented hereby for the first time. To start with, they show the presence of a sequence of continuous occupation of the site during a late period (between the second half of the 4th century and the beginning of the 6th century), revealing, for the first time, the time of deactivation and ultimate ruin of the forum. The presence of Phocian ceramics in the cryptoportico landfills and the levels of abandonment and infilling of the Roman fountain unequivocally document later horizons, dating from between the end of the 5th and the beginning of the 6th century, which are in turn related to a number of constructive modifications in the space of the *Aeminium* forum.

It is also important to mention the identification of Late Antiquity levels during the sondages carried out inside the church of St. João. These levels are associated with the construction of a dry stone wall sometime after the beginning of the 5th century and before the 12th century; the structure and orientation of this wall is not in agreement with the remains known from the pre-Romanesque temple of the 11th century. The hypothesis put forward by Pierre David (1947: 229), which admits the initial existence in this space of a paleo-Christian building that would perform the function of a baptistery serving the primitive cathedral of Santa Maria (the Sé Velha) and evolving later on into a temple, has

been successively ruled out. Until now, the Visigothic stones that were found at the beginning of the 20th century during the MNMC remodelling works, insistently mentioned by Vergílio Correia (1946: 51-53), have also not been identified. However, the data now compiled are new and unequivocal, revealing the occupation of this space during Late Antiquity, bringing to light and problematizing once again all these issues that will remain open until the implementation of new interventions on the site.

5.2.2. The Paço Episcopal until the end of the 16th century

It is virtually impossible to reconstruct the history of the buildings that occupied the space of the old forum until the 11th century. There is no conclusive archaeological evidence of the medieval occupations of the site that would enable a detailed analysis of the evolution and transformation of the space or even its problematization. The oldest remains should be dated to the 11th century, probably after the definitive conquest of the city in 1064. It was during this period that the Roman balcony of the western façade was levelled and the structures in the southern wing of the cryptoportico were landfilled⁵. These data, although tenuous, are sufficient to demonstrate the occurrence of some transformations of the buildings, possibly associated with the initial moment of establishment of the bishops' residence at this location. The origins of the episcopal palace in the site formerly occupied by the Roman forum have not been documented. Based on documentary analysis, J. de Alarcão (2008: 105-107) argues that it may have occurred by the end of the 11th century. The sources consulted indicate the existence, in 1083, of a church dedicated to St. João and that, in 1087, a new church (included in Dom Sesnando's will) was under construction. Through the reconciliation of these data, two interpretative lines seem to be possible: at the time when the *Sesnandina* church was erected, part of the old forum had already been transformed into an episcopal palace or this church and the palace would be contemporaneous works. In any case, it is not at all unlikely that the episcopal residence was built in the location of the ancient basilica of the Roman forum already in the 11th century, at the time of Dom Sesnando and Bishop Dom Paterno. Despite this, nothing is left of the hypothetical late 11th-century palace but a door located on the southern façade of the museum's northern wing (**Figure 10, p. 50**). From the pre-Romanesque church that was erected at the same time, nothing is observable today, and the hope of finding the respective foundations was not fulfilled during the intervention carried out next to the pillars in the central nave of the Roman-

⁵ We are referring to the structure partially built of *taipa* (rammed earth) unearthed in the sondage 4 of the south wing of the cryptoportico, which may correspond to a barn/silo that partly reused the pre-existing Roman walls. It should also be noted that another *taipa* structure had already been identified by Pedro Carvalho (1998: 118) in the NW corner of the building (in sector B), and was interpreted as a possible testimony of the initial occupation of the bishopric.

esque temple (**Figure 10, p. 50**). In fact, this excavation aimed to gather data that might contribute to the clarification of several issues related to the foundation and evolution of the church(es) of St. João. Several authors have addressed the subject (Alarcão, 2008: 105-109; Real, 1974: 46-61; Gonçalves, 1938: 9-13; Rossa, 2001: 265-280, among others), albeit with contradictory results. One of the few data that does not give rise to objections is the dating of the cloister that was partially rebuilt and stands on its original location, to the north of the church, and that would correspond to the cloister of the pre-Romanesque church. For stylistic reasons, it cannot correspond to the Romanesque temple (Real, 1974: 48-52) even if it was incorporated into it.

The *Sesnandina* church was demolished in the second half of the 12th century (Alarcão, 2008: 127) and the Romanesque temple was built in the same spot and consecrated between 1192 and 1206 (Baroque, 2000, II (1): 633). In contrast to its “Visigothic-Mozarabic” version, of which there are no other structural elements apart from the cloister, the Romanesque version still retains some remnants that allow for a more detailed analysis. In fact, the bases of two of the column-like pillars stand out (**Figure 10, p. 50**) and their dating is confirmed by the excavation of the corresponding foundation ditches.

The side walls and the western façade, where a blind arcade can be glimpsed, also still remain. It would arguably be a large church, of Benedictine style, with three wide naves and three bays (Andrade *et alii*, 2000; Alarcão, 2009: fig. 5, B). The entrance would face west and would open onto a *terreiro* (yard) that, judging by the position of the identified burials, would extend into the western limit of the forum platform.

It is well known that the bishops’ palace underwent continuous remodelling over the centuries, either because it was old and in need of repair, or because some bishops considered it too modest for one of the main ecclesiastical figures of the kingdom to live in. The recent excavations and stripping of walls did not provide sufficient elements to recreate the history of the building. Regrettably, the renovation works carried out at the end of the 19th century, during the prelature of Dom Manuel Bastos Pina, and the adaptation efforts promoted by the DGEMN in the 20th century, almost completely erased the reminiscences that would still remain of the medieval palace or the Manueline dwelling of the remarkable bishop Dom Jorge de Almeida.

We again use historical documentation to support new interpretive analyses. In this case, we refer to the letter of delivery of the episcopal palace of Coimbra to the Chapter of the See on the death of Bishop Gil Alma (1415), dated 1416⁶. This report provides us with the oldest known description of the episcopal residence. In addition to listing the bishop’s possessions, it also includes a brief inventory of the palace’s accommoda-

⁶ Arquivo da Universidade de Coimbra, Colecção de Pergaminhos, documento n.º 33. *Apud* A. J. Peixinhos Caia (1989: 54-56).

tions; their location is not obvious, which allows for different interpretations. Among these we cannot fail to mention the work of Milton Pacheco (2009 and 2013). However, we subscribe to Adília Alarcão's proposal (2018) which, based on the few archaeological and structural remains observed, locates the described built complex (composed of the dwelling, domestic annexes, chapel and the orchard/garden) over the entire space formerly occupied by the Roman basilica. The rigour and soundness of the arguments presented by the author, enhanced by a drawing showing the reconstitution of the 1416 palace, makes it unnecessary for us to further comment on it, referring instead to her work for a more detailed analysis. Still, it should be noted that, according to the above referred study, in 1416 the Palace was, if not abandoned, at least in an advanced state of ruin. This situation is not consistent with the presumably new and dignifying aulic dimension of the residence of D. Jorge de Almeida (1483-1543), as attested by the reference to multiple artistic elements - Mudejar ceilings, Spanish-Arabic glazed tiles and stonework of clear Manueline style (Dias, 1980: 384; Dias, 1982: 209-210) which, although they were squandered during later works, still show that improvements had been made to the Palace at the turn of the 15th to the 16th century. This time, and as far as this period is concerned, no description of the restoration or remodelling works of the palace is known to exist. Despite the considerable expansion of the residential area, the palace would have remained in the northern wing of this space. The archaeological interventions carried out in this area also did not identify any unequivocal remains of these great works, which were certainly erased by the contemporary transformations. However, the *in situ* discovery of two Manueline doors on the first floor of the southern building of this northern block of buildings, which reinforces the thesis of a constructive campaign carried out during the episcopate of D. Jorge de Almeida, is noteworthy. The extent of this reform must have been such that once the new restructuring of the space was completed, by Dom Afonso de Castelo Branco, he kept his predecessor's coat of arms along with its own *armas de fé* in the entrance portal, as a way of acknowledging the actions of the former.

The inventory of the possessions of Dom Manuel Meneses, written at the time of his death at Alcácer Quibir in 1578 (Dias, 2002), indicates that during the period between his episcopate and the previous one (Dom Jorge de Almeida) no significant reforms took place. Taking over the bishopric of Coimbra in 1585, Dom Afonso de Castelo Branco was responsible for a new renewal programme completed in 1592; the date was inscribed in the main portal. Although this intervention is not documented, several reforms are ascribed to it, some of them based on the archaeological record. It is not necessary to revisit in detail the palace of the late 16th century, already exhaustively referred to in other studies (Pacheco, 2009, among others). However, the remodelling of the southern wing is particularly noteworthy; the corresponding archaeological levels were tested

during the excavation carried out in the southern wing of the cryptoportico. In result of this remodelling project, the southern wing was extended over the entire cryptoportico platform. Thus, the space formerly occupied by small, isolated buildings now featured a two-story building; the ground floor was set apart for the stables, as indicated by the cobble-paved floor and the manger identified during the excavation. The set of foundation footings recorded during the archaeological intervention on the central axis of the southern wing does not provide clear indications concerning the overall shape of the building but it would arguably be inspired by the northern wing. The greatest achievement of the whole programme was the connection between both wings: the western balcony, a Mannerist *loggia*. The results of the last archaeological interventions did shed some light on certain aspects that were still unclear. We are referring to the dating of the wall that was built against the interface which marks the collapse of the western façade of the Roman cryptoportico and supports the foundations of the 16th-century *loggia*'s double colonnade. Even though the aesthetic choices are questionable (Alarcão, 2008: 130), the arguments leave little room for doubt: the supporting wall and the *loggia* are contemporaneous and complementary works. I would like to stress the fact that such a conclusion results from the identification of several pottery shards that were included in the fabric of the wall and date back to the second half of the 16th century.

To sum up, it is curious to note that, despite some volumetric irregularities, the episcopal palace from the end of the 16th century, consisting of volumes that were the result, as we have seen, of successive constructions and extensions made over several periods, embodies a configuration that in general terms restores the layout of the ancient Roman forum.

6. FINAL REMARKS

After the journey we have made, from the historical readings we have summoned and through the archaeological accounts and reports presented, the vitality of the long diachrony that is condensed in the site currently occupied by the Museu Nacional de Machado de Castro stands out once again.

There has never been a naive claim to conduct a conclusive study. Because of the many issues that are left open, because of the complex architectural dynamics of the site, because of the limitations that lie in the very nature of the archaeological corpus, which is always prone to being updated, this work once again recreates a body of information and pending issues; their clarification can only be achieved through the continuity of the research. Actually, by combining and adequately reviewing the results of the various archaeological interventions, some specific problems were clarified and solved. Although a brief characterization of the successive formal logics and different phases of

construction of the monument between the 1st and the end of the 16th centuries is included herein, the study was somehow absorbed by a detailed analysis of the stratigraphic realities and materials (the artefacts) brought to light. But, through this prism, the experience of this space and the daily life of the individuals who enjoyed it at a particular time are also being rescued.

The architectural reconstitution of the successive construction moments was deliberately surfaced. For the Roman period, nothing significant was added to the restitution proposals already presented for the two forum complexes (Carvalho, 1998 and Alarcão et alii, 2009). However, the present study reinforces and justifies those theses. As far as the Augustan forum is concerned, the evidence gathered is totally insufficient to initiate any new interpretations. Concerning the Claudian forum, as long as the layout of its oriental quarter is not known, we sustain the known architectural composition from which the temple, as an autonomous building, is excluded, and is rather structured according to a basilica with *aedes Augusti*. For the time being, the hope of soon being able to test the area underneath the current church of S. João de Almedina has not been lost, which may contribute to the clarification of these and other issues (namely the configuration of the Romanesque and pre-Romanesque church).

On the contrary, we believe that the possibilities of gathering new archaeological data on the primitive episcopal palace have been exhausted. It will continue to be shrouded in some obscurity, leaving only the blurred outlines of a building that is perhaps simple in design but difficult to perceive. It is certainly interesting to understand the commitment of the various prelates to extend their property to the entire platform defined by the cryptoportico. This fact was accomplished at the end of the 16th century by D. Afonso de Castelo Branco who, although unaware of it, provided it with an architectural composition that was very similar to the original solutions applied to this space.

The building, despite its hybrid nature, consisting of a set of overlapping volumes and with different scales, was always conditioned by the original construction – the Roman cryptoportico. In this construction each detail is a statement. A repository of many stories, it safely claims, without hesitation or abuse, its status as the centre, coronation and core of the city's genetic hill.

This vast silence of "stone", paced by the cadence of the arcades, is indeed the germinal and determining element in all the structural organics of the place until our days.

REFERENCES

ALARCÃO, Adília (2018) – *De Paço a Museu – um edifício singular / From Palace to Museum – a very particular building*. Universidade de Coimbra: Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

ALARCÃO, Jorge de (1971) – *Criptopórtico* [catálogo]. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro.

ALARCÃO, Jorge de (1974), *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra.

ALARCÃO, Jorge de (1990) – *Relatório dos trabalhos de escavação arqueológica realizados no criptopórtico romano do Museu Nacional de Machado de Castro - campanha de 1989 no piso inferior do criptopórtico*. Coimbra. Trabalho policopiado.

ALARCÃO, Jorge de (2008) – *Coimbra: a montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

ALARCÃO, Jorge de (2009) – “A igreja românica de S. Bartolomeu de Coimbra”, *Conimbriga*, XLVIII, pp. 211-230.

ALARCÃO, Jorge de; ANDRÉ, Pierre; BARRELAS, Paulo; CARVALHO, Pedro; SANTOS, Fernando; SILVA, Ricardo C. (2009) – *O Forum de Aeminium. A busca do desenho original / The Forum of Aeminium: The search for the original design*. Lisboa: IMC, MNMC e EDIFER.

ALMEIDA, Lourenço Chaves de (1946) – “S. João de Almedina teria sido a velha Sé de Coimbra?”. *Ocidente*, n.º 103, vol. XXX, Lisboa, pp. 121 a 128.

ALMEIDA, Sara e TEMUDO, Susana (2015) – “Cerâmica do séc. XIII, no contexto do bairro judaico de Coimbra (Portugal)”. In GONÇALVES, M. J.; GÓMEZ-MARTÍNEZ, S. (Eds.), *Actas do X Congresso Internacional – A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*, Silves (2012), pp. 291-297.

ALMEIDA, Sara; SILVA, Ricardo C.; VILAÇA, Raquel (2015) – “Testemunhos da ocupação pré-romana no fórum de Aeminium (MNMC, Coimbra, Portugal) / Pre-roman testimonies in the Aeminium forum (Coimbra, Portugal)”, *Revista Antrope*, Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, vol. 3, pp. 39-63.

ALVES, Francisco J. S.; RODRIGUES, Paulo; GARCIA, Catarina; ALELUIA, Miguel (1998) – “A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV *Ria de Aveiro A* e da zona *Ria de Aveiro B*. Aproximação tipológica preliminar”. *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela, pp. 185-210.

ANDRADE, Hugo; BASÍLIO, Marco; RODRIGUES, Pedro; PINTO, Sandra (2000) – *A Igreja românica de S. João de Almedina*. Coimbra: Departamento de Arquitectura da FCTUC. Trabalho académico policopiado.

ARNAUT, Salvador Dias (2000) – *A arte de comer em Portugal na Idade Média*. Sintra: Colares.

BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*. Lisboa.

CARVALHO, J. M. Teixeira de (1921) – *A cerâmica coimbrã no século XVI*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

CARVALHO, Patrícia e BETTENCOURT, José (2013) – “De Aveiro para as Margens do Atlântico – a carga do navio *Ria de Aveiro A* e a circulação de cerâmica na época Moderna”. *Velhos e Novos Mundos – Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. 2, Lisboa: CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa, pp. 733-746.

CARVALHO, Pedro C. (1998) – *O Forum de Aeminium*. Lisboa, Instituto Português de Museus.

CARVALHO, Pedro; MATIAS, Dina; RAMOS, Ana P.; RIBEIRO, Carla; SANTOS, Fernando; SILVA, Ricardo C. (2010) – “Caminhando em redor do forum de Aeminium (Coimbra, Portugal)”, T. Nogales Basarrate (ed.) *Ciudad y Foro en Lusitania Romana/Cidade e Foro na Lusitânia Romana. Studia Lusitana*, 4, pp. 69-88.

CATARINO, Helena; FILIPE, Sónia; SANTOS, Constança (2009) – “Coimbra islâmica: uma aproximação aos materiais cerâmicos”, *XELB*, 9, (Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve), pp. 333-376.

CORREIA, Vergílio (1944) – *Museu Machado de Castro. Secções de Arte e Arqueologia. Catálogo-Guia*. Coimbra.

CORREIA, Vergílio (1946) – *Obras*, I. Coimbra.

CORREIA, Vergílio e GONÇALVES, A. Nogueira (1947) – *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes.

DAVID, Pierre (1947) – *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VI^e au XII^e siècle*. Lisboa/Paris: Portugalia Editora / Société D'Édition Le Belles Lettres.

DELGADO, Manuela, MAYET, Françoise, ALARCÃO, Adília (1975) – *Fouilles de Conimbriga, IV (Les Sigillées)*, E. de Boccard, Paris.

DIAS, Pedro (1980) – “O mudejarismo na arte coimbrã – séculos XV e XVI”, *Arquivo Coimbrão*, 27-28, pp. 347-393.

DIAS, Pedro (1982) – *A arquitectura de Coimbra na transição do Gótico para a Renascença, 1490-1540*. Coimbra.

DIAS, Pedro (2002) – “O Inventário dos Bens Móveis do Bispo de Coimbra D. Manuel de Meneses feito em 1578”. *Arquivo Coimbrão*. Coimbra: Boletim da Biblioteca Municipal, vol. XXXV, pp. 353-385.

FARELEIRA, Luís (2014) – *Estudo dos “Outros Materiais”, provenientes do Museu Nacional de Machado de Castro*. Dissertação de mestrado em Arqueologia e Território apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – policopiada.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo (2014) – *El comercio tardoantiguo (ss. IV–VII) en el Noroeste Peninsular a partir del registro cerámico de la Ría de Vigo*. RLAMP 5, Oxford: Archaeopress.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ Adolfo; MORAIS, Rui (2012) – “*Terra Sigillata* Bracarense Tardía (Tsbt). O Grupo II das Cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável (Delgado 1993-94). O Cerâmicas de Engobe Vermelho. Grupo II (Delgado y Morais, 2009)”. In BERNAL CASASOLA, D.; RIBERA i LACOMB, A. (eds.) – *Cerâmicas Hispanorromanas II*. Cádiz. pp. 131-174.

FUENTES DOMÍNGUEZ, A. (1987) – “Avance del Foro de Valeria (Cuenca)”, *Los foros romanos de las provincias occidentales*, Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 69-72.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana; MENDES, H.; PINTO, P.; GUERRA, S.; RIBEIRO, S.; PIMENTA, J.; VALONGO, A. (2009) – “Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador – Castelo de S. Jorge, Lisboa”. *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval*. Ciudad Real-Almagro. Tomo II, pp. 653-672.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2013) – “A cerâmica moderna do castelo de São Jorge: produção local de cerâmica comum, pintada a branco, moldada e vidrada e de faiança”. *Velhos e Novos Mundos - Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. 2, Lisboa: CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa, pp. 719-732.

GOMES, Paulo Dórdio (1996) – “O livro de cozinha da Infanta D. Maria”. *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*. Câmara Municipal de Barcelos: Museu da Olaria, n.º 1, pp. 93-104.

GONÇALVES, A. Nogueira (1938) – *Novas hipóteses acerca da arquitectura românica de Coimbra*, Coimbra.

GONÇALVES, Luís J. R. (2007) – *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano*. *Studia Lusitana*, 2. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

HARRIS, E. C. (1989) – *Principles of archaeological stratigraphy*. London: Academic Press Limited.

MEDICI, Teresa (2014) – *Vídeos da terra. O vidro tardomedieval e moderno em Portugal (séculos XIV-XVII). O contributo da arqueologia*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 vols. – policopiada.

MIRÃO, José; CANDEIAS, António; PRAZERES, Cátia; ROSADO, Lúcia; DIAS, Luís; COSTA, Rita (2015) – *Notas sobre o estudo material de cerâmicas de Coimbra: romanas, medievais e vidradas (séc. XVI)*. Centro Hércules: Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade de Évora – relatório policopiado.

OLEIRO, J. M. Bairrão (1955-56) – “O criptopórtico de Aeminium”. *Humanitas*, 7-8, Coimbra, pp. 151-160.

OLEIRO, J. M. Bairrão e ALARCÃO, Jorge de (1973) – “Le Cryptoportique d’Aeminium (Portugal)”, *Les cryptoportiques dans l’architecture romaine* (Collection de l’École Française de Rome, 14), CNRS, Roma, pp. 349-367.

PACHECO, Milton Pedro Dias (2009) – *Por detrás de um Museu. O Paço Episcopal de Coimbra: história e memória*. Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.

PACHECO, Milton Pedro Dias (2013) – “Nos Paaços que fforom de Dom Gil Bispo”: a residência episcopal de Coimbra nos inícios do século XV”. *Actas do 3º Congresso Internacional Casa Nobre, um património para o futuro*, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, 2011, pp. 864-880.

PEREIRA, Isabel; SILVA, Teófilo; PACHECO, António; SILVA, Ricardo Costeira da (in press) – *A coleção numismática do Museu Nacional de Machado de Castro*, MNMC: Coimbra.

PONSICH, Michel (1974) – “La fontaine publique de Belo”, *Mélanges de la Casa Velázquez*, 10, pp. 21-39.

REAL, Manuel L. (1974) – *A arte românica de Coimbra (Novos dados – novas hipóteses)*. Dissertação de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2 vols. (texto dactilografado).

ROSSA, Walter (2001) – *Diversidade – urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*. Coimbra (Dissertação de doutoramento em Arquitectura, policopiada, apresentada à FCTUC).

SILVA, Ricardo C. (2011) – “O quarteirão urbano a poente do *Forum* de Aeminium (Coimbra, Portugal) – a sua configuração ao longo do séc. I d.C. / The urban block west of the forum of Aeminium (Coimbra, Portugal) – its evolution during the 1st c. AD”. *Conimbriga*, L (50), Universidade de Coimbra: Faculdade de Letras, 2011 (editado em 2014), pp. 79-99.

SILVA, R. C. (2013a) – “A arqueologia de salvaguarda no Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra, Portugal)”, *In ALLEN, Scott J.; LOPES, M. Conceição e ETCHEVARNE, Carlos (orgs.), Arqueologia a Serviço da Cidade: Anais do III Fórum Luso-Brasileiro de Arqueologia Urbana*. Editora Universitária-UFPE (Universidade Federal de Pernambuco): Recife, 2013, pp. 179-203.

- SILVA, Ricardo C. (2013b) – “Primeira abordagem a um depósito moderno no antigo paço episcopal de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro): a cerâmica desde meados do século XV à consolidação da Renascença”. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. CHAM/FCSH, Lisboa, vol. 2, pp. 877-890.
- SILVA, Ricardo C. (2014) – “A cerâmica dos níveis alto-medievais do fórum de Aeminium (MNMC, Coimbra)”. In DE MAN, Adriaan e TENTE, Catarina (Coord.), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal - sécs. IX a XII*. Lisboa, 2014, pp. 79-97.
- SILVA, Ricardo C. (2015) – “Medieval pottery from the forum of Aeminium (Coimbra, Portugal) – a proposal of chrono-typological evolution”. In GONÇALVES, M. J.; GÓMEZ-MARTÍNEZ, S. (Eds.), *Proceedings of 10th International Congress on Medieval Pottery in the Mediterranean (Silves/Mértola, 2012)*, 2015, pp. 739-749.
- SILVA, Ricardo C. (2016) – “The Faience of the 2nd half of the 16th century at the Episcopal Palace of Coimbra (Portugal)”. In GOMES, R. V.; CASIMIRO T.M.; GOMES, M.V. (Eds.), *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências / Pórtico Liberías, 2016, pp. 181-188.
- SILVA, Ricardo C. (2018) – “Late 16th century glazed ceramics from Coimbra (Portugal)”, *XIth Congress AIECM3 on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics Proceedings*, (Antalya (Turkey), 2015), Koc University Press, Istanbul, pp. 407-411.
- SILVA, R. C.; FERNÁNDEZ, A.; CARVALHO, P. (2018a) – “La cerámica de importación de los contextos de época Claudia del forum de Aeminium (Coímbra, Portugal) / The imported pottery from the early empire contexts of Aeminium forum (Coimbra, Portugal)”, *Revista SPAL*, Universidad de Sevilla, n.º 27.1, 2018, pp. 119-143.
- SILVA, R. C.; FERNÁNDEZ, A.; CARVALHO, P. (2018b) – “La cerámica común de los contextos alto imperiales del fórum de Aeminium (Coimbra, Portugal)”, In *Rei Cretaria Romanae Fautores Acta* 45 (Lisboa, 2016), 2018, pp. 29-38.
- SOUZA, Vasco de (1990) – *Corpus Signorum Imperii Romani. Corpus der Skulpturen der römischen Welt. Portugal*. Coimbra.
- TORRES, Cláudio (s.d.) – *Um Forno Cerâmico dos Séculos XV e XVI na cintura industrial de Lisboa*. (s.l.) Câmara Municipal do Barreiro.
- VASCONCELOS, António de (2000) – “A residência dos Bispos de Coimbra”, In RODRIGUES, Manuel A. (coord.), *António de Vasconcelos perpetuado nas páginas do “Correio de Coimbra” (1922-1941)*, Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, pp. 117-119.
- VASCONCELLOS, Carolina Michaelis de (1921) – *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

